



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade UnB Planaltina – FUP
Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC)

**A VOZ ATIVA À LUZ DO FUNCIONALISMO EM TEXTOS DO
GÊNERO NOTÍCIA PRODUZIDOS POR EDUCANDOS KALUNGA
DO 7º ANO DA ESCOLA SANTO ANTÔNIO/EXTENSÃO DO
COLÉGIO ESTADUAL ELIAS JORGE CHEIM DO VÃO DE
ALMAS-GO**

ALEXANDRINA FERREIRA DA SILVA

PLANALTINA-DF

2013



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade UnB Planaltina – FUP
Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC)

A VOZ ATIVA À LUZ DO FUNCIONALISMO EM TEXTOS DO
GÊNERO NOTÍCIA PRODUZIDOS POR EDUCANDOS KALUNGA
DO 7º ANO DA ESCOLA SANTO ANTÔNIO/EXTENSÃO DO
COLÉGIO ESTADUAL ELIAS JORGE CHEIM DO VÃO DE ALMAS-
GO

ALEXANDRINA FERREIRA DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade de
Brasília como parte dos requisitos
para obtenção do título de
Licenciada em Educação do Campo.
Orientadora: Profa. Msc. Roberta
Rocha Ribeiro. Co-orientadora: Profa
Msc. Maria Cristina Morais de
Carvalho.

Planaltina-DF

2013

BANCA EXAMINADORA

Profa. Msc. Roberta Rocha Ribeiro (PPGL/LEdoC/UnB)

Orientadora

Profa. Msc. Maria Cristina Morais de Carvalho (SEDF)

Co-Orientadora

Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa (LEdoC/FUP/UnB)

Membro Interno

Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes (LIP/PPGL/UnB)

Membro Externo

Dedico este trabalho a Deus que me concedeu força, vontade e tudo mais de que necessitei para concluir esta etapa tão importante da minha vida. Dedico também aos meus familiares e a todos que muito contribuíram na trajetória da minha história acadêmica.

Agradecimentos

Ao meu bom Deus por ter me concebido a vida, me proporcionado saúde, fé, perseverança e também por ser minha fortaleza no decorrer destes anos nesse processo de ensino/aprendizagem em conjunto com meus colegas, com professores, colaboradores e aprofundamentos teóricos em livros e textos.

Agradeço a todos os professores(as) e supervisores(as) das disciplinas, pela dedicação e carinho proporcionados a todos os discentes.

À orientadora, Profa. Roberta Rocha Ribeiro, pelo grande apoio na elaboração deste trabalho e à co-orientadora, Profa. Maria Cristina Morais de Carvalho, pelas importantes contribuições.

À Profa. Rosineide Magalhães de Sousa, que tanto contribuiu para o aprendizado da linguagem ao longo deste curso.

À banca de qualificação, constituída pelo Prof. Tiago Aguiar Rodrigues e pela Profa. Tânia Borges Ferreira e à banca de defesa, composta pelo Prof. Dionei Moreira Gomes e pela Profa. Rosineide Magalhães de Sousa.

Ao Prof. Gilberto Paulino de Araújo e outros professores que se fizeram presentes no decorrer do aprendizado da Educação do Campo.

À Bolsa PIBID que possibilitou o apoio financeiro para a cobertura das necessidades desta formação.

Aos meus familiares e a toda Comunidade Kalunga do Vão de Almas-GO que me apoiou com muito amor e carinho.

Agradeço a todos os meus colegas de curso, em especial à Edinamar, Nilça, Simoni e ao Leonardo que me ajudaram bastante nesta árdua jornada.

Agradeço aos meus filhos, em especial ao Gabriel, que ao iniciar este curso contava apenas com quatro aninhos de idade. Ele teve a compreensão ao me ver passar por tantas idas e vindas em sua vida, por todos os transtornos de ficar com pessoas estranhas a fim de me propiciar esse momento que, na sua ingenuidade de criança, soube entender que todos os percalços pelos quais passou teria um grande significado para mim e base em seu crescimento e amadurecimento. Infelizmente não pude estar presente em todas as datas de seu aniversário durante meu período de estudos, porém, mesmo assim, ao chegar em casa depois de mais uma etapa cumprida, sempre havia um rostinho alegre a me esperar.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a voz ativa em textos do gênero notícia produzidos por educandos kalunga do 7º ano de uma escola pública da comunidade kalunga Vão de Almas-GO. Para isso, foram necessárias leituras teóricas sobre funcionalismo, vozes verbais, gêneros textuais e gênero notícia. No que tange à metodologia, realizamos uma pesquisa colaborativa com princípios da pesquisa-ação a partir de sequências didáticas as quais organizaram a coleta de dados da voz ativa no âmbito da produção escrita do gênero notícia. Já a análise foi norteadada pela pesquisa qualitativa, mas também contou com o espectro quantitativo. É importante dizer que, na análise dos dados, consideramos as condições de produção do gênero em questão a fim de realizar uma análise funcionalista da voz ativa arrolada nos textos escritos pelos educandos kalunga de sétimo ano.

Palavras-chave: Voz ativa. Gênero Notícia. Funcionalismo. Kalunga.

ABSTRACT

This study aims to analyze the active voice in the genre news in texts produced by 7th grade's kalunga students of a public school in kalunga community Vão de Almas-GO. For this theoretical framework, readings on functionalism, verbal voices, text genres and genre news were needed. Regarding methodology, we conducted a collaborative research with principles of action research from teaching sequences which organized the collection of data from the active voice within the written production of news genre. However, the analysis was guided by qualitative research, although also included quantitative analyzes. It is important to say that, in the data analysis, we consider the conditions of production of the genre in question in order to perform a functional analysis of the active voice mustered in texts written by 7th grade's kalunga students.

Key-Words: Active voice. News genre. Functionalism. Kalunga.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
CAPÍTULO I – REFERENCIAL METODOLÓGICO	15
1.1. Abordagem qualitativa	15
1.2. A pesquisa colaborativa com princípios da pesquisa-ação e as sequências didáticas	16
1.3. Colaboradores de pesquisa	19
1.4. Contexto de pesquisa	19
1.4.1. Contexto escolar da comunidade kalunga Vão de Almas-GO e minha experiência/inserção	19
1.4.2. A Licenciatura em Educação do Campo/UnB	21
1.4.3. A Educação do Campo	21
1.4.4. Os princípios básicos da Educação do Campo dentro do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC)	23
1.4.5. O Projeto Político-Pedagógico (PPP) da LEdoC	24
1.4.6. Contribuição da Licenciatura em Educação do Campo para esta pesquisa monográfica	26
1.5. Instrumentos de pesquisa	27
1.6. Objetivos	34
1.6.1. Objetivo geral	34
1.6. 2. Objetivos específicos	34
1.7. Perguntas norteadoras da pesquisa	35
CAPÍTULO II – REFERENCIAL TEÓRICO	36
2.1. A concepção funcionalista da linguagem	36
2.2. As vozes verbais	37
2.2.1. A voz verbal ativa segundo a gramática normativa: conceitos e contraposições com a voz passiva	39
2.2.2. A voz verbal ativa segundo Bagno (2011)	41
2.3. Gêneros textuais e sua relação com a gramática	43
2.4. O gênero textual notícia	45

CAPÍTULO III – ANÁLISE DE DADOS.....	47
3.1. Impressões críticas das aulas ministradas na oficina sobre o gênero notícia	47
3.1.1. Tabulação de dados gerados a partir do texto trabalhado na oficina sobre o gênero textual notícia	51
3.2. O registro da voz ativa nos textos analisados	61
3.2.1. A relação entre os dados registrados e o gênero notícia	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS.....	73

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho pretende analisar a voz ativa, sob a perspectiva funcionalista, em notícias produzidas por educandos kalunga do 7º ano de uma escola pública do Vão de Almas, comunidade kalunga do Município de Cavalcante-GO. Um dos intuitos deste estudo é conduzir estes educandos a protagonizar a sua história, para que entendam a presença e funcionalidade dos gêneros textuais em nosso cotidiano. E a nossa análise gramatical da voz ativa no gênero notícia será introdutória, mas fundamental na compreensão da materialização do gênero em tela. Cumpre destacar que, na maioria das vezes, não percebemos a importância dos elementos gramaticais dentro de um gênero textual ao estudá-los de forma isolada, ou seja, em uma educação tradicional.

Tendo em vista que esta pesquisa será desenvolvida em uma escola quilombola, na qual todos educadores e educandos fazem parte de uma realidade riquíssima ao se tratar da diversidade cultural, percebe-se a necessidade de um trabalho que os possibilitem conhecer o uso da língua/linguagem de maneira mais ampla, sem perder seus usos de origem.

Nesse sentido, a diversidade ocorre em toda comunidade de fala. Por isso, é necessário ressaltar que a língua falada e escrita pelos brasileiros chamados “cultos” também variam e não correspondem totalmente ao que está previsto na gramática normativa. Assim, a educação escolar sistematizada precisa se adequar às especificidades de cada comunidade.

As comunidades quilombolas kalunga, mesmo tendo sofrido aculturação, ainda preservam suas tradições, modos de vivências e vernáculos. Nesse cenário, as escolas precisam atender aos anseios de seus educandos, integrando educação e cultura em uma perspectiva emancipatória, contribuindo para formação de sujeitos críticos e atuantes na sociedade.

Nesse contexto, percebe-se a importância da reflexão acerca da gramática tradicional, pois ela não pode ser usada como único instrumento de análise, nem de ensino da língua e, sim, como mais um uso linguístico, conforme nossas necessidades sociais. Antunes (2002) confirma essa ideia ao afirmar que nenhum manual de gramática pode ser completo. A língua é

grande demais, seus usos são complexos, plurais para caberem em algumas centenas de páginas. A língua é fluida, é dinâmica.

A gramática tradicional utiliza o conteúdo isoladamente em sala de aula e se baseia em um conjunto de pensamentos filosóficos e preconceitos sociais que não estão em consonância com o mundo contemporâneo. Assim, a gramática, sob a égide funcionalista, é uma proposta de reeducação linguística que leva em consideração as conquistas das ciências da linguagem e, também, as dinâmicas sociais que envolvem a língua na história.

Por outro lado, a norma padrão calcada na gramática tradicional, tem sido um instrumento de dominação e de exclusão mantenedor do poder nas mãos de uma pequena elite que detém os saberes com objetivo ideológico da própria classe.

Nesse contexto, o uso das vozes verbais somente como maneira de ensinar a gramática, por si mesma, sem considerar a interação, as intenções sociais, as ideologias que estão em cada oração não se mostra eficaz. Quando consideramos a voz ativa meramente na classificação dos verbos, ocorre a discriminação da própria reeducação linguística. Ao analisar as vozes verbais em uma oração trocando apenas as posições do sujeito e do complemento percebe-se claramente esse argumento.

Dessa forma, também buscamos o entendimento da reeducação linguística, tendo em vista a heterogeneidade da língua, no sentido de ouvir e dar voz a todos que fazem parte da comunidade escolar. Assim, podemos iniciar um aprofundamento das relações e do diálogo por meio da interação social, que muitas vezes é desvalorizado na escola pelo desconhecimento dos educadores ou, até por eles, considerados como única fonte de saber a gramática tradicional. Essa postura ocasiona o preconceito linguístico e torna a gramática um elemento de exclusão tanto no âmbito escolar quanto social.

Por isso, o presente trabalho busca incessantemente discussões por meio da escrita dos educandos kalunga. A análise da voz ativa entra, por enquanto, como reconhecimento da materialização do gênero notícia confeccionado por esses estudantes para que, posteriormente, possamos refletir acerca das imbricações discursivas e ideológicas que a voz supracitada provoca na estrutura linguística como um todo.

Podemos caracterizar o contexto de pesquisa como sendo um local de difícil acesso, pois fica em região quilombola cercada de serras, situada no município de Cavalcante, estado de Goiás, onde há conhecimentos diversificados. Por isso, esta pesquisa pretende contribuir de forma interativa na perspectiva de reconhecer e valorizar o português brasileiro kalunga no viés da voz ativa em notícias produzidas por educandos do sétimo ano de uma escola da região, preservando e fortalecendo a sua identidade.

Nesse sentido, o objetivo geral é analisar a voz ativa em notícias produzidas por educandos kalunga do 7º ano de uma escola pública no Vão de Almas-GO. Assim, para cumprir esse propósito, esta monografia apresenta um referencial metodológico que trata principalmente da pesquisa qualitativa, da pesquisa colaborativa com princípios da pesquisa-ação, do contexto e instrumentos de pesquisa. Já o referencial teórico mostra concepções acerca do funcionalismo, das vozes verbais, em especial a voz ativa, bem como sobre gênero notícia. O capítulo a respeito da análise de dados, por sua vez, aponta impressões críticas ligadas à coleta de dados, gráficos sobre a recepção do gênero notícia na sala de aula observada e, especialmente, a análise da voz ativa em sentenças presentes nas notícias escritas pelos estudantes de sétimo ano kalunga. Por fim, as considerações finais mostram as minhas reflexões a partir do desenvolvimento desta monografia.

CAPÍTULO I - REFERENCIAL METODOLÓGICO

O percurso metodológico utilizado neste trabalho consiste em duas perspectivas básicas: procedimentos para coleta de dados e procedimentos analíticos. Para tanto, é preciso delinear a abordagem qualitativa, a pesquisa colaborativa com princípios da pesquisa-ação, as sequências didáticas, os colaboradores, o contexto de pesquisa, os instrumentos, as perguntas norteadoras da monografia e os objetivos com a finalidade de demonstrar principalmente o processo de coleta dos dados. Cumpre lembrar que esses espectros contribuem na análise dos dados.

1.1. ABORDAGEM QUALITATIVA

A abordagem qualitativa fundamenta, nesta monografia, a análise dos usos de voz ativa arrolados nas notícias escritas por educandos kalunga do sétimo ano da comunidade quilombola Vão de Almas-GO. Na pesquisa qualitativa, o pesquisador é o instrumento chave, o local da pesquisa é a fonte direta dos dados e, ainda de acordo com Silva & Menezes (2005), o foco dessa abordagem é o seu processo e seu significado, ou seja, o principal objetivo é a interpretação do fenômeno objeto de estudo.

Godoy (1995) diz que a abordagem qualitativa é viável quando o fenômeno em estudo é complexo, de natureza social e, por isso, deve ser observado no contexto em que ocorre. Nesse sentido, o pesquisador deve ser um bom observador, instrumento próprio da pesquisa e saber registrar, descrever e analisar as contribuições dos sujeitos pesquisados.

Para Silva & Menezes (2005, p. 20) dentro da pesquisa qualitativa há uma interação dinâmica “entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Nessa mesma perspectiva, Godoy (1995) também aponta que o intuito do pesquisador é observar interações diárias. Assim, podemos inferir que na pesquisa qualitativa a finalidade não é apenas ter

números e sim qualidade, obter informações que deem a dimensão real do problema.

Dessa maneira, a abordagem qualitativa sedimenta, com seu caráter de análise considerando o viés social e privilegiando a interpretação dos dados, nossa análise sobre a voz ativa em notícias escritas pelos educandos kalunga do sétimo ano do Vão de Almas-GO. No entanto, o viés quantitativo não será desconsiderado neste estudo, visto que quantificamos os resultados de respostas esperadas e não-esperadas relacionadas à notícia trabalhada na oficina de produção textual a qual gerou os dados. Isso se fez necessário porque a quantificação funciona como instrumento de percepção a respeito da compreensão do gênero notícia. E isso se coaduna com a visão qualitativa. Tais análises serão apresentadas no capítulo analítico.

1.2. A PESQUISA COLABORATIVA COM PRINCÍPIOS DA PESQUISA-AÇÃO E AS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

Com a finalidade de coletar dados escritos pelos educandos kalunga de sétimo ano da escola pública do Vão de Almas-GO para análise da voz ativa, mas, principalmente, coletar de uma maneira colaborativa, com contribuição social, decidimos planejar e aplicar uma oficina acerca do gênero notícia para os educandos em questão. Dessa forma, utilizamos como metodologia a pesquisa colaborativa com princípios da pesquisa-ação e as sequências didáticas.

Segundo Ibiapina (2008, p. 25), a pesquisa colaborativa é “atividade de co-produção de conhecimentos e de formação em que os pares colaboram entre si com o objetivo de resolver conjuntamente problemas que afligem a educação”. Isso significa que o pesquisador, na pesquisa colaborativa, contribui direta e ativamente no contexto pesquisado com o intuito de promover algumas reflexões e melhorias para o cotidiano dos sujeitos pesquisados.

A partir dessa concepção colaborativa, nós optamos por buscar procedimentos da pesquisa-ação porque os princípios desta coadunam-se de maneira mais efetiva com a realidade de sala de aula – visto que os dados foram coletados em oficina, em ambiente escolar. Embora a oficina de

produção de textos foi de curta duração, os seus efeitos, certamente, colaboraram com os educandos de sétimo ano kalunga em seus processos de escrita do gênero notícia.

Naves (s.d., p. 20) afirma que por meio da pesquisa-ação o sujeito conhece de perto o problema e assim pode encontrar uma melhor solução:

A pesquisa-ação, também conhecida como pesquisa participante, é uma opção metodológica em que o pesquisador convive, no campo da investigação, com os sujeitos pesquisados, buscando, com eles, detectar os problemas e as possíveis soluções. Ele pretende intervir na realidade, fazendo as coisas acontecerem, para entender o que realmente acontece e como acontece. Isso porque esse pesquisador acredita que tais problemas devem ser compreendidos em seu dinamismo e que, para serem superados, precisam ser enfrentados como processos em curso, envolvendo todos os participantes.

Diante dessas ideias, este estudo é uma pesquisa colaborativa com princípios da pesquisa-ação, pois pretendemos analisar a voz ativa em textos escritos pelos estudantes kalunga compreendendo uma situação-problema e, especialmente, colaborando/contribuindo no espaço social com os colaboradores pesquisados. Portanto, os princípios da pesquisa-ação utilizados neste trabalho foram: participação da pesquisadora por meio da oficina de produção textual no *locus* de pesquisa (comunidade Vão de Almas-GO); reconhecimento por parte da pesquisadora da situação de compreensão do gênero notícia pelos educandos de sétimo ano; proposta de intervenção/colaboração a partir da oficina *per si*, com atividades de leitura/reconhecimento do gênero, produção do gênero e correção de todos os textos dos educandos.

Diante disso, percebe-se que a pesquisa-ação tem caráter emancipatório e qualitativo, em que todo o contexto escolar estará envolvido, de forma ativa e reflexiva. Com o intuito de concretizar os princípios da pesquisa-ação neste estudo colaborativo, utilizamos as sequências didáticas. Estas são formas de materializar nossa proposta, pois contribuem sensivelmente na realidade pesquisada.

De acordo com Dolz; Noverraz; Schneuwly (2011, p. 82), o termo sequência didática pode ser definido como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Ainda conforme os autores, na sequência didática, os educandos se orientam a partir de uma apresentação da situação feita pelo professor. Isso resulta em uma produção textual inicial que servirá de diagnóstico para observar o que o aluno já conhece, bem como suas dificuldades. Depois da fase diagnóstica, várias atividades são desenvolvidas até o seguinte ponto final: percepção docente acerca dos progressos dos alunos. É importante destacar que todas as etapas da sequência didática são norteadas/realizadas via gênero textual.

Essas concepções a respeito da sequência didática servem para ampliar o conhecimento das linguagens dentro do meio escolar no ensino da língua portuguesa, visto que nesta metodologia existe a exploração específica de um determinado gênero textual por meio dos próprios alunos com a mediação do docente. Essa ampliação se dará justamente se os textos dos gêneros trabalhados vierem a abordar assuntos que fazem parte da realidade cotidiana dos alunos.

De certa maneira, no caso do estudo desenvolvido nesta pesquisa, considera-se que a sequência didática trabalhada com os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental residentes na comunidade kalunga do Vão de Almas-GO serviu para estimular esses discentes a construir novos conhecimentos com o estudo do gênero textual notícia, de modo que estes se viram confrontados e motivados a trabalharem com esses novos conhecimentos, que estiveram por muitos anos distantes da cultura e realidade local.

É relevante apontar que a sequência didática tem sido uma metodologia que muito vem contribuindo para que o trabalho com a linguagem na sala de aula seja ainda mais eficaz. Isso porque essa metodologia permite ao professor ter uma visão maior do aprendizado dos alunos, em aspectos referentes à produção e interpretação textual a partir do estudo e análise de gêneros textuais. E os estudantes desenvolvem a capacidade de criar/construir nesse processo. Cumpre dizer que as concepções sobre gêneros textuais e sequências didáticas são legitimadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais

(PCNs) justamente por abarcarem os usos e reflexões no âmbito linguístico e textual.

1.3. COLABORADORES DA PESQUISA

Os colaboradores desta pesquisa são os educandos de sétimo ano da Escola Santo Antônio/Extensão do Colégio Estadual Elias Jorge Cheim, situada na comunidade Vão de Almas-GO. Esses educandos são adolescentes nascidos e criados na comunidade e apresentam bastante conhecimento da realidade interna. Entretanto, esses adolescentes também demonstram dificuldades no que concerne à leitura e à escrita de gêneros que fazem parte da escolarização. Nesse prisma, como trataremos mais adiante, a oficina por mim ministrada buscou iniciar a construção da relação entre conhecimentos da realidade local e conhecimentos escolares. Isso, como princípio da Educação do Campo, que será abordada adiante, respeita a identidade dos educandos e busca alcançar novos tipos de conhecimentos.

1.4. CONTEXTO DE PESQUISA

Neste instante do trabalho, mostraremos os contextos de pesquisa que geraram os dados e que também sedimentaram as concepções teóricas, metodológicas e ideológicas para a construção desta monografia.

1.4.1. CONTEXTO ESCOLAR DA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS-GO E MINHA EXPERIÊNCIA/INSERÇÃO

A Escola Municipal Santo Antônio/Extensão do Colégio Estadual Elias Jorge Cheim, do Vão de Almas, comunidade remanescente quilombola kalunga situada no município de Cavalcante-GO, encontra-se a 130 km da sede do município. Atualmente tem 36 alunos do município e 34 do estado. O prédio atual foi inaugurado em abril deste ano e tem 4 salas de aulas, 4 sanitários sendo dois masculinos e dois femininos, e uma área para refeições.

Escolhi o sétimo ano para desenvolver a pesquisa por ser a fase de transição entre começo do Ensino Fundamental II e final dessa etapa de ensino. Saber como está a voz ativa articulada na práxis metodológica acerca da escrita mostra-se como importante reflexão sobre o português brasileiro kalunga, bem como o ensino de língua portuguesa nesta sala de aula.

Assim, a escola e a sala de aula pesquisadas, como estão inseridas na comunidade Vão de Almas-GO, comprovam que nessa região existem conhecimentos diversificados, mostrando os saberes típicos da identidade kalunga do Cerrado. Porém, ainda é preciso, nas práticas docentes, de um modo geral, desenvolver em sala de aula esses conhecimentos relacionados aos conhecimentos tipicamente escolares.

Nesse sentido, a partir desta monografia, não desejo apenas fazer uma descrição da voz ativa; pretendo descrever a voz ativa associada às práticas de escrita em sala de aula de sétimo ano kalunga via gênero notícia. Acredito que isso possa contribuir de forma interativa na perspectiva de reconhecer e valorizar o português brasileiro kalunga, preservando e fortalecendo a nossa identidade. Desse modo, faz-se necessário agora registrar alguns aspectos relevantes a respeito da comunidade kalunga Vão de Almas-GO com o intuito de vislumbrar o contexto macro de inserção da escola/sala de aula pesquisadas.

A comunidade kalunga Vão de Almas-GO é descendente de quilombolas e tem cultura escrava bem viva. Uma das maiores dificuldades enfrentadas é a falta de pontes, que na época de chuvas dificulta o funcionamento da escola, pois os rios ficam cheios e os alunos não conseguem atravessá-lo. Problemas como alcoolismo e pouco envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos também ocorrem nesta comunidade.

Cumprir dizer que sou filha de pai kalunga e mãe branca. Esta não vivia e nem pertencia à comunidade quilombola. Passei boa parte da infância na cidade de Cavalcante-GO com minha mãe e irmãos e tive a oportunidade de conhecer território kalunga já na adolescência. Depois de certo tempo, morei no Vão de Almas-GO de janeiro de 2003 a junho de 2013 e trabalhei em uma escola da comunidade em tela. Fui bem recebida por todos, ministrei aulas

para o pré III e 1º ano e também ministrava aulas de língua portuguesa (6º ao 9º ano). Recentemente, mudei para a sede do município, porém, ainda possui uma relação forte com o povo kalunga, até mesmo porque sou filha de kalunga.

A partir desse contexto, desenvolvi minha pesquisa. Mas outro contexto constitui minha trajetória: a Licenciatura em Educação do Campo da UnB, que será tratada na próxima seção.

1.4.2. A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO/UnB

A Licenciatura em Educação do Campo/UnB (LEdoC/FUP/UnB) é o curso de formação docente inicial que me encontro inserida. Ela faz parte da Educação do Campo e contribui nas minhas práticas e experiências docentes. Por isso, trataremos aqui a respeito da Educação do Campo como um todo, de seus princípios, do Projeto Político-Pedagógico da LEdoC/UnB e suas contribuições no processo de produção desta monografia.

1.4.3. A EDUCAÇÃO DO CAMPO

A Educação do Campo surge a partir de movimentos sociais articulados pela luta dos camponeses que visa à conquista da terra e da educação para os povos das comunidades rurais. Molina & Sá (2011, p. 39) apontam que

A Educação do Campo nasce comprometida com a transformação das condições de vida do povo brasileiro que vive no campo. Sua preocupação é elevar os níveis de escolarização dos sujeitos do campo, e simultaneamente, contribuir para promover mudanças estruturais neste território, cuja vinculação com a cidade é inexorável. A concepção de educação, da expressão Educação do Campo não pode abrir da necessária ligação com o contexto no qual se desenvolvem estes processos educativos: com os graves conflitos que ocorrem no meio rural brasileiro, em função dos diferentes interesses econômicos e sociais para utilização deste território.

Ainda segundo Molina & Sá (2011), a escola e educação campesinas procuram entre outros aspectos sociais e políticos superar o sistema de capital, que excluiu os povos rurais do processo de educação. Com isso, foi pela luta e pelas contradições advindas da classe trabalhadora rural é que se conquistou o direito à escolarização para aqueles que residem no campo.

Nessa perspectiva histórica do processo de construção da educação do campo, o Fonec (2012, p. 03-04) estabelece que:

A Educação do Campo nasceu das experiências de luta pelo direito à educação e por um projeto político pedagógico vinculado aos interesses da classe trabalhadora do campo, na sua diversidade de povos indígenas, povos da floresta, comunidades tradicionais e camponesas, quilombolas, agricultores familiares, assentados, acampados à espera de assentamento, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos e trabalhadores assalariados rurais. Ela teve como ponto de partida o I Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária – I ENERA, em 1997, e o seu batismo aconteceu na I Conferência Nacional Por Uma Educação Básica do Campo realizada em Luziânia, GO, no ano de 1998, reafirmada nas lutas e em sua identidade nas diferentes ações desde então e envolvendo progressivamente um conjunto maior de organizações e entidades (...). Costumamos dizer que é a própria existência destes confrontos que essencialmente define o que é a Educação do Campo e torna mais nítida sua configuração como fenômeno da realidade brasileira atual.

Em consideração ao que é ressaltado no texto acima, entende-se que a Educação do Campo em sua origem está diretamente ligada a um processo de uso da democracia pelos sujeitos camponeses que de certa maneira enquadram-se nos processos de defesa aos direitos sociais. Tal aspecto reforça a visão utilitária das manifestações civis para a conquista das benfeitorias de caráter coletivo. E de outra sorte a Educação do Campo nesses 15 anos de vigência tem progredido a cada período devido ao aumento do interesse das diversas classes trabalhadoras e do próprio governo em aderir às opiniões da população do campo.

Como exemplos desse interesse que foi despertado no governo brasileiro pela Educação do Campo, há o lançamento do PRONACAMPO (Programa Nacional de Educação do Campo) em março de 2012, fato que segundo o Fonec (2012) constituiu-se em ações articuladas da política de Educação do Campo que foram vinculadas ao decreto presidencial nº 7352, de 04 de novembro de 2010.

Dessa maneira, o Fonec (2012, p. 04) salienta que:

O eixo principal do contexto de surgimento desta nova prática social foi a necessidade de lutas unitárias feitas pelos próprios trabalhadores e suas organizações por uma política pública de Educação do Campo que garantisse o direito das populações do campo à educação e que as experiências político-

pedagógicas acumuladas por estes sujeitos fossem reconhecidas e legitimadas pelo sistema público nas suas esferas correspondentes. Mas exatamente pelos sujeitos envolvidos e a materialidade social que a institui, a marca de origem da Educação do Campo e de seu projeto educativo foi sendo constituída pela tomada de posição nos confrontos entre concepções de agricultura, de projetos de campo, de educação e de lógica de formulação das políticas públicas.

Isso significa que a Educação do Campo encontra-se articulada aos movimentos sociais camponeses em prol de uma educação idealizada e realizada pelo sujeito do campo e também de políticas públicas voltadas para essa realidade. Nessa perspectiva, há princípios inerentes à LEdoC que serão apresentados na próxima seção.

1.4.4. OS PRINCÍPIOS BÁSICOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO DENTRO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO (LEdoC)

A LEdoC veio de encontro à necessidade do aprimoramento e construção da Educação do Campo e dirige-se também pelos princípios de diversidade, interdisciplinaridade e de criatividade, abordados pelo Projeto Político-Pedagógico da LEdoC/UnB (2009, p.13):

Ao organizar os componentes curriculares em quatro áreas do conhecimento, o currículo desta Licenciatura adota as estratégias da multi e da interdisciplinaridade, utilizando os princípios da diversidade e da criatividade como elementos teórico-metodológicos, visando ao mesmo tempo romper com o isolamento disciplinar e utilizar a convergência de fronteiras para uma leitura complexa da realidade do campo.

Segundo o Fonec (2012, p. 02), a Educação do Campo vem se constituindo pela tríade Campo, Educação e Política Pública:

(...) a busca da totalidade, objetivada pelo menos na apreensão das contradições presentes na realidade que envolve a tríade campo, educação, política pública. Em alguma medida esta tríade, ou a busca das conexões internas entre essas esferas em uma realidade social e histórica determinada, já foi consolidada como categoria de análise em que também vai se constituindo a Educação do Campo (CALDART, 2012).

Essa tríade retroalimenta, constitui a Educação do Campo e age como princípio da LEdoC/UnB. Além de atingir a Educação, também abrange agricultura familiar e vivência no campo. Queiroz (2004, p. 23), em seu estudo desenvolvido sobre os Centros Familiares de Formação por alternância (CEFFAs), admite que os princípios deste método fortalecem a agricultura familiar e a verdadeira Educação do Campo e segue desta feita os pensamentos de Freire, Gramsci e Pistrak:

Buscamos os princípios fundamentais construídos pelos CEFFAs, recorremos a alguns estudos existentes sobre a alternância na formação e as contribuições de Freire sobre a educação problematizadora, Gramsci sobre a escola unitária e Pistrak sobre a escola do trabalho. A partir deste estudo concluímos que as EFAs de EM e EP são escolas vivas em construção, que inauguram no Brasil a formação dos jovens agricultores familiares em alternância, de maneira integrada e unitária, contando com uma crescente participação e responsabilidade dos agricultores familiares e contribuindo para o fortalecimento e o desenvolvimento da agricultura familiar. Assim participam da construção da Educação do Campo no Brasil e fazem parte de um conjunto maior de movimentos e organizações que historicamente tem lutado contra a concentração da terra, do poder e do saber no Brasil e da construção da reforma agrária, da democracia e da cidadania.

As concepções de Queiroz (2004) ressaltam o princípio integralizador que norteia as ideias da verdadeira Educação do Campo. De tal forma os princípios dessa educação em sua plenitude devem fazer parte do ensino das diferentes localidades campesinas, inclusive da escola quilombola kalunga do Vão de Almas-GO que se encontra dentro da proposta desta pesquisa monográfica.

1.4.5. O PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO (PPP) DA LEdoC

Segundo o PPP da LEdoC (2009), as práticas político-pedagógicas possuem em suas raízes a concepção de desenvolver a Educação do Campo no território de modo a construir o saber:

Estes fundamentos teórico-conceituais são de extrema relevância, na medida em que a Educação do Campo traz como especificidade a permanente associação com as questões sobre o papel do campo no desenvolvimento e no território no qual se enraízam as práticas político-pedagógicas, e uma reflexão crítica sobre a construção de um Projeto de Nação.

Nesse sentido, as práticas pedagógicas incentivam a integração entre educação e o campo, fator importantíssimo para se preservar e valorizar a cultura dos sujeitos do campo, ao passo que o saber chega de modo fluente e interativo na realidade campesina.

Conforme ainda o PPP da LEdoC (2009, p.17), espera-se que o docente, o qual venha fazer parte da LEdoC, tenha o seguinte perfil:

- Educadores de escolas públicas de Educação Básica do campo em exercício atual ou em processo de inserção nas escolas de ensino fundamental ou médio do campo;
- Pessoas que atuam como educadores ou coordenadores de escolarização básica de jovens e adultos (Ensino Fundamental ou Ensino Médio na modalidade EJA) em comunidades camponesas;
- Pessoas que atualmente coordenam ou fazem o acompanhamento político-pedagógico dos cursos formais apoiados pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA;
- Jovens e adultos de comunidades do campo.

No que diz respeito ao perfil que se espera do egresso, o PPP da LEdoC (2009, p.18) faz a seguinte atribuição aos educadores formados:

Na gestão de processos educativos escolares, entendida como formação para a educação dos sujeitos das diferentes etapas e modalidades da Educação Básica, para a construção do projeto político-pedagógico e para a organização do trabalho escolar e pedagógico nas escolas do campo. Ênfases: Educação aos anos finais da educação Fundamental e Educação Básica de Nível Médio, também na Modalidade Educação de Jovens e Adultos e na combinação com a Educação Profissional. Na docência em uma das áreas de conhecimento propostas pelo curso: Linguagens; Ciências da Natureza e Matemática. A proposta é de que cada uma das turmas ofereça aos estudantes a opção de escolha em duas destas áreas, sendo esta definição construída entre a Universidade e suas parcerias considerando as demandas/perfil do grupo e as condições objetivas da oferta.

Na gestão de processos educativos nas comunidades: preparação específica para o trabalho formativo e organizativo com as famílias e ou grupos sociais de origem dos estudantes, para liderança de equipas e para a implementação de iniciativas e ou projetos de desenvolvimento comunitário sustentável que incluam a participação da escola.

De acordo com o PPP, o docente tende a atuar de modo organizador do conhecimento na educação dos povos do campo.

1.4.6. CONTRIBUIÇÃO DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO (LEdoC) PARA ESTA PESQUISA MONOGRÁFICA

No decorrer desta pesquisa monográfica, o conhecimento adquirido durante o curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) contribuiu muito para o melhor posicionamento ideológico na pesquisa monográfica aqui desenvolvida sobre a voz verbal ativa no gênero notícia produzido por educandos kalunga do 7º ano de uma escola pública do Vão de Almas-GO.

A partir da LEdoC se pôde estabelecer um contato mais interativo com o grupo de alunos do campo pesquisado no decorrer deste trabalho, pois esta formação auxilia no processo de aceitação do outro, das diferenças sociais, territoriais e históricas, o que de certa maneira repercute no cenário da escola do campo. O PPP, juntamente com as particularidades da Educação do Campo, determina um conhecimento mais integrado, mais amplo, construtivo e propulsor de novas relações sociais, como aborda o PPP da LEdoC (2009, p.11):

Este caráter complexo do desafio da formação humana em Educação do Campo fundamenta-se, por sua vez, na concepção de que o campo é território de produção de vida, de produção de novas relações sociais, de novas relações entre os homens e a natureza, de novas relações entre o rural e o urbano. A partir daí, faz-se necessária uma concepção filosófica e teórica que permita articular o pensar e o fazer pedagógico com a construção de alternativas de desenvolvimento sustentável das comunidades do campo.

Diante do que se aprende na LEdoC, o educador se vê motivado em ter um olhar diferente da realidade educacional dos povos do campo. Dessa

maneira, as convicções vazias e preconceituosas se extinguem nas concepções do docente. Nessa perspectiva, o estudo aqui desenvolvido está direcionado a contribuir para construção de um novo saber, no caso, tem como objetivo a ideia de observar a língua e a linguagem no âmbito da realidade kalunga, de sorte que a cultura e falar rural são respeitados.

1.5. INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Com a finalidade de coletar dados escritos pelos educandos kalunga de sétimo ano da escola pública do Vão de Almas-GO para análise da voz ativa, mas, principalmente, coletar de uma maneira colaborativa, com contribuição social, decidimos planejar e aplicar uma oficina acerca do gênero notícia para os educandos em questão.

O presente trabalho utiliza como instrumentos de pesquisa dois espectros básicos: elaboração de sequência didática e planejamento das aulas da oficina sobre gênero notícia. A seguir, há o planejamento macro da sequência didática e os planos das 5 aulas referentes à oficina do gênero notícia aplicada no sétimo ano da Escola Municipal Santo Antônio/ Extensão do Colégio Estadual Elias Jorge Cheim, situada na comunidade kalunga Vão de Almas-GO. Esse é o cerne do percurso metodológico de coleta de textos escritos para análise da voz ativa, além de contribuir socialmente para a escola da comunidade em tela.


UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
Faculdade de Planaltina
Licenciatura em Educação do Campo
Universidade de Brasília
Educadora: Alexandrina Ferreira da Silva

Tema: Gênero notícia**Sequência Didática: oficina com 5 aulas****Objetivos:**

- Diferenciar o texto jornalístico de outros textos;
- Problematizar as diversas formas de informar e comunicar as notícias à população;
- Observar o tratamento da informação;
- Apresentar as condições de produção e recepção do gênero notícia;
- Saber identificar as informações básicas contidas em uma notícia;
- Compreender que as informações produzidas pelos grandes meios de comunicação podem valorizar (exagerar) ou omitir determinados fatos atendendo interesses, opiniões e acordos;
- Perceber que o jornal pode ser uma importante ferramenta de pesquisa, mas deve ser usado de forma crítica;
- Elaborar um texto jornalístico (notícia) sobre o assunto em estudo.

Desenvolvimento:

- Formarei uma roda com os alunos e mostrar um jornal (regional) para cada um. Pedirei a eles que folheiem livremente o jornal que têm em mãos e conversem sobre os assuntos que conseguem compreender. Depois, perguntarei o que observam na primeira página. Pedirei que comentem o que chama mais a atenção deles e por que isso acontece. É importante enfatizar que os tamanhos diferenciados das letras têm como função chamar a atenção do leitor. Permitirei que eles formulem hipóteses, façam inferências e apresentem seus comentários com base em suas próprias vivências.


- Pedirei que leiam em voz alta algumas manchetes e em seguida que falem o que acham que diz o texto da notícia. Aproveitarei a situação para promover um momento de discussão sobre a importância de ler para a aquisição de conhecimentos. Mostrarei ainda a função do jornal na sociedade, pois é de suma importância que os alunos entendam que

o jornal é um veículo de comunicação e que é um dos meios mais rápidos de todas as pessoas ficarem informadas a respeito do que acontece no mundo.

- Problematizarei com a turma a diferença que existe entre um texto jornalístico e outros textos, como bilhetes, receitas, dentre outros. Explicarei que jornalísticos são textos que têm como veículos jornais, periódicos, revistas e que esses veículos agrupam várias estruturas textuais diferentes, por exemplo, em um jornal, encontramos charges, notícias, reportagens, entrevistas, classificados etc.

- Ensinarei aos alunos a identificar os elementos do discurso jornalístico presentes em notícias:
 - O quê?
 - Quem?
 - Como?
 - Onde?
 - Por quê?
 - Quando?

A partir dessa sequência didática, em que estruturei as ideias macro da oficina, apresento agora os planos de aula os quais materializaram a própria oficina. Essa etapa culminou na produção de notícias pelos educandos kalunga e, conseqüentemente, os textos em questão foram utilizados como dados desta pesquisa.


UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
Faculdade de Planaltina
Licenciatura em Educação do Campo
Universidade de Brasília
Educadora: Alexandrina Ferreira da Silva

PLANO DE AULA - 5 H/A

1ª aula

Na primeira aula, utilizarei a atividade roda de leitura supracitada no desenvolvimento da sequência didática. Esse instante de interação será fundamental para o reconhecimento introdutório do jornal, das manchetes, das notícias e de textos diversos.

2ª aula

Nesse momento, focarei nos seguintes aspectos do gênero notícia (BENASSI, 2009):

- **Conceito**

A origem da palavra "notícia" provém do Latim, em que “*notitia*” significa “notoriedade; conhecimento de alguém; noção”. A notícia é qualquer tipo de informação que apresenta um acontecimento novo e recente ou que divulga uma novidade sobre uma situação já existente. No jornal a notícia é um texto informativo de interesse público, que narra algum fato recente ocorrido no país ou no mundo, o conteúdo é constituído por um tema político, econômico, social, cultural etc.

- **Função social:** informar o público dos acontecimentos regional, nacional e internacional;

- **Suporte:** a notícia pode ser impressa, digital;
- **Circulação na sociedade:** se dá por meio de revistas, rádio, internet, TV etc;
- **Por que a notícia é um gênero importante na sociedade:** a partir da notícia, a sociedade sabe dos acontecimentos mais importantes que ocorrerem seja político, econômico, social, cultural e outros.

Após essa etapa, pedirei que os educandos observem os seguintes aspectos:

- Estrutura básica do texto: qual é o título e o subtítulo?
- Manchete: título principal, de maior destaque, no alto da primeira página de jornal ou revista, é a parte mais importante dentre as informações contidas na edição.
- Lead: a primeira parte da notícia. Quais são os destaques? Quais informações fornecem ao leitor? Qual é o tema básico?
- Explicarei aos alunos que as principais perguntas que devem ser respondidas para estruturar uma notícia são: "o quê?", "quem?", "como?", "onde?", "por quê?", "quando?".

Falarei ainda que a estrutura do texto jornalístico é chamada de "pirâmide invertida", pois a informação mais relevante da notícia deve aparecer logo no primeiro parágrafo. Nos parágrafos seguintes surgem outras informações por ordem decrescente de importância.

3ª aula

Pedirei que os alunos observem que, muitas vezes, uma ou mais perguntas não são respondidas na notícia. Solicitarei também que peguem a notícia trabalhada nas aulas anteriores e façam o que se pede:

- Faça o resumo da notícia.
- Você daria essa notícia de uma forma diferente?
- O que faltou no texto?

- Você acha que houve exagero ou o jornalista foi brando demais?

4ª e 5ª aulas

Selecionei uma notícia a respeito de um cão que salva seu dono em uma cidade do interior de São Paulo devido a duas razões: por ser um tema em certa medida universal, possível de acontecer na comunidade e para que a interface entre mundo interno e externo à comunidade kalunga, algo que ocorre em ambiente escolar por meio de textos e conhecimentos diversos, seja feita de modo adequado. Já na produção textual dos educandos privilegiarei fatos internos, da comunidade. Assim, em primeiro lugar, entregarei aos alunos a seguinte notícia (xerocada), pedirei que leiam e respondam o que se pede:

Cachorro salva seu dono de 4 anos de ataque de 3 cães em Botucatu-SP

Sandro Villar/ Especial para O Estado de S. Paulo

14 de março de 2013 | 18h 57

Um cachorrinho vira-lata, chamado Sultão, virou herói em Botucatu, cidade do centro-oeste paulista, após salvar seu dono, o menino Riquelme, de 4 anos, do ataque de três cães. Os cachorros, dois maiores que Sultão, avançaram contra o garoto quando ele voltava, nesta quinta-feira (14/03) à tarde, da escola no bairro Parque dos Pinheiros.

O estudante estava acompanhado pela babá Giovana. "Eles (o menino e a babá) começaram a gritar quando os cães partiram para cima deles. Giovana e o menino não saíram correndo, eles tentaram enxotar os cachorros, mas não adiantou", disse Leandro Carreira Destro, de 32 anos, inspetor da Guarda Civil Municipal.

Ao perceber o ataque, o cãozinho não fugiu. Sultão rangeu os dentes e enfrentou os três cães para evitar que seu dono e a babá ficassem feridos. Quem ficou machucado foi o cachorrinho. "Ele foi ferido na orelha, saiu muito sangue. Apenas um cachorro era

do tamanho de Sultão, os outros dois eram bem maiores", contou o inspetor.

Depois do ataque, a preocupação de Riquelme, cujo sobrenome não foi divulgado, era saber como estava seu "amigão" de estimação. O menino abraçou o cachorro. A roupa do estudante ficou manchada pelo sangue de Sultão, causando preocupação. "A gente achava que ele (o menino) estava ferido, mas era sangue do cachorrinho", acrescentou Destro. A babá Giovana também não ficou ferida. O inspetor não soube informar o sobrenome da mulher. Ela levava o garoto para casa após as aulas, como faz diariamente.

Raça desconhecida. A raça dos três cachorros ainda não foi identificada, segundo o inspetor. "É uma raça indefinida, mas pode ser vira-lata", previu Destro. Os donos dos bichos foram notificados. "Eles deverão responder por omissão na guarda de animais", completou o inspetor, acrescentando que a pena varia de dez dias a três meses de prisão.

Disponível em < <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,cachorro-salva-seu-dono-de-4-anos-de-ataque-de-3-caes-em-botucatu-sp,1008775,0.htm> > Acesso em 8 de setembro de 2013.

Responda:

Para que serve essa notícia?

Por que a notícia foi importante para a sociedade?

Qual tipo de suporte foi usado nessa notícia?

Qual o veículo de circulação na sociedade?

Qual o título da notícia?

Qual é a manchete?

Qual é o lead?

O quê a notícia apresenta?

Quem escreveu a notícia?

Quando a notícia foi escrita?

Onde a notícia está disponível?

Haverá correção oral e comentada das atividades.

Depois dessa atividade, solicitarei aos educandos que produzam uma notícia contemplando os problemas sociais encontrados no local onde residem. Essa proposta textual possui um caráter mais livre justamente para observarmos a compreensão do gênero notícia, mas, principalmente, os usos linguísticos referentes à voz ativa.

1.6. OBJETIVOS

1.6.1. OBJETIVO GERAL

Analisar a voz ativa em notícias produzidas por educandos kalunga de sétimo ano da Escola Municipal Santo Antônio/Extensão do Colégio Elias Jorge Cheim, situada na comunidade quilombola Vão de Almas-GO.

1.6.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Ensinar leitura, recepção, constituição básica e produção escrita do gênero notícia em sala de aula do sétimo ano de uma escola pública do Vão de Almas-GO a partir da pesquisa colaborativa com princípios da pesquisa-ação;
- Realizar o registro e a análise qualitativa dos usos da voz ativa nas notícias escritas pelos educandos em questão;
- Observar as funções sintáticas e as diferentes funções semânticas que a voz ativa assume nas notícias produzidas pelos educandos kalunga em questão;
- Analisar as imbricações discursivas dos usos de voz ativa arrolados.

1.7. PERGUNTAS NORTEADORAS DA PESQUISA

Diante dos objetivos a serem atingidos, levantamos os seguintes questionamentos: como os usos da voz ativa em notícias escritas pelos educandos de sétimo ano da Escola Santo Antônio/ Extensão do Colégio Elias Jorge Cheim configuram-se sintática e semanticamente? Quais são os efeitos discursivos desses usos? A partir desses questionamentos é possível delinear principalmente o enfoque dos construtos sintáticos e semânticos da voz ativa no momento de análise dos dados.

CAPÍTULO II - REFERENCIAL TEÓRICO

O presente referencial teórico apresenta o conceito de funcionalismo e a visão de língua nesta teoria, faz uma breve explanação das vozes verbais sedimentada nas gramáticas tradicionais e nas visões linguísticas as quais se coadunam com o funcionalismo – com destaque da voz ativa, que é o recorte de análise. Este capítulo também apresenta a concepção de gêneros textuais e suas relações com a gramática. Ao final, mostramos características e espectros discursivos sobre o gênero notícia.

2.1. A CONCEPÇÃO FUNCIONALISTA DA LINGUAGEM

Os estudos funcionalistas, de modo geral, concebem a linguagem como um instrumento de interação social, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. Cunha (2008, *apud* Leitão, s.d p. 2) afirma que o funcionalismo é uma corrente linguística que, em oposição ao estruturalismo e ao gerativismo, se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas.

O funcionalismo possibilita o entendimento da gramática dentro de um texto, considera também o contexto e a situação de comunicação nos quais os falantes estão inseridos promovendo, assim, interações mais críticas em todos os sentidos de análise de um todo. Isso significa que a gramática não é observada de maneira fragmentada, tendo em vista que a vivemos em nosso cotidiano. Portanto, deve-se refletir e criar novas práticas de interpretação de um enunciado que promovam um olhar analítico das estruturas linguísticas.

Dessa maneira, nós acreditamos que uma pesquisa funcionalista se dá por meio da análise de produção de textos, abordando vários gêneros textuais e articulando esses conceitos com a realidade. É importante destacar que, nessa visão, o texto é a unidade básica de análise. Nesse sentido, Modesto (2006, p. 1-2) afirma que:

A teoria funcionalista concebe a língua como um instrumento de comunicação, e postula que esta não pode ser considerada como um objeto autônomo, mas uma estrutura submetida às pressões provenientes das situações comunicativas, que

exercem grande influência sobre sua estrutura linguística. Assim, o funcionalismo analisa a estrutura gramatical tendo como referência a situação comunicativa inteira: o propósito do ato de fala, seus participantes e seu contexto discursivo. Entendemos que a escolha entre as formas tu e você, em Santos, depende da configuração desses fatores conjugados. Não se pode compreender um fato linguístico sem se levar em conta o sistema ao qual ele pertence. O estudo de uma língua exige que se leve rigorosamente em conta a variedade das funções linguísticas e dos seus modos de realização no caso considerado.

Nessa perspectiva, percebe-se que o funcionalismo é uma área da Linguística que discute a língua em uso, a interação social e a linguagem como algo humano, amplo e ligado à interação como um todo.

2.2. AS VOZES VERBAIS

De acordo com o funcionalismo, a língua depende do contexto e atuação dos falantes em situações reais de fala em que as estruturas sintáticas são motivadas pelos diferentes contextos, o que se aplica também nas análises da voz ativa. Nesse sentido, percebe-se a importância de gramáticas que considerem o contexto social de cada falante e as vozes verbais são fenômenos que revelam as relações sintático-semânticas entre morfologia verbal, sujeito e demais termos da oração.

A partir dos estudos sobre transitividade de Furtado da Cunha & Souza (2007), é possível inferir que as vozes verbais devem ser analisadas no âmbito da oração como um todo, visto que o verbo, com sua voz, é o núcleo gerador da oração. Já Castilho (1968, p. 14) afirma que “a voz esclarece o papel do sujeito, que poderá ser agente (Voz Ativa), paciente (Voz Passiva) ou ambas as coisas (Voz Reflexiva)”.

Segundo Azeredo (2010), as vozes modificam os verbos de acordo com o contexto que está inserido. O verbo é uma espécie de eixo que articula os papéis semânticos entre si. Qualquer verbo é suscetível de variação mórfica para a expressão de tempo-modo e número-pessoa, mas somente os verbos transitivos diretos (que não pedem o uso de preposição obrigatoriamente) participam de construções do predicado relacionados com distinções de voz.

Por exemplo: “Laura penteia Clarisse / Clarisse é penteada por Laura / Laura se penteia” (AZEREDO, 2010, p. 270). O verbo é um processo de transitividade porque ele precisa de participantes ativos, passivos e reflexivos. Nesse sentido, dependendo da posição do sujeito na oração, encontramos situações de ação e reação, ou seja, o sujeito pode estar ativo, passivo ou reflexivo.

Nessa linha, as vozes verbais distinguem-se em ativa, passiva, reflexiva e média. A voz ativa é a não marcada, pois o sujeito pode assumir diversos papéis semânticos (inclusive de agente) e a morfologia do verbo não sofre alteração específica. O verbo na voz passiva analítica, a mais recorrente e reconhecida no português brasileiro, por sua vez, tem a configuração ser + particípio. Isso aponta que a passiva contém uma alteração morfológica verbal em sua constituição. Além disso, o sujeito, nessa voz, também apresenta algo específico: o papel semântico de paciente. Cumpre dizer que há também a voz passiva sintética, que é estruturada pelo verbo + pronome apassivador. A conhecida expressão do universo imobiliário “Vende-se casa” é um exemplo de voz passiva sintética.

Já a voz reflexiva é “aquela em que o sujeito/agente e o objeto/paciente coincidem” (BAGNO, 2011, p. 583). Nesse caso, o verbo não sofre alteração morfológica específica; o que configura a estrutura reflexiva é a presença de pronomes do caso oblíquo (me, te, se, nos). É importante destacar que o uso do “se” é o mais recorrente e que, entre linguistas, há o questionamento acerca do reconhecimento ou não da estrutura reflexiva como voz verbal no português, visto que o espectro reflexivo encontra-se no pronome, não no verbo.

Por fim, a voz média é definida como um meio termo entre voz ativa e voz passiva (AZEREDO, 2010). Em outras palavras, na voz média, o verbo, com sua semântica, desencadeia a ação que afeta o sujeito, mas este não se configura como paciente pleno, como em “O pessoal se incomodou” (BAGNO, 2011, p. 584). Mais uma vez, entre linguistas, assim como na voz reflexiva, existe o questionamento se há ou não voz média no português, pois o verbo não sofre modificação morfológica e a ideia de média parte da semântica do verbo em direção à semântica do sujeito, em contextos diversos.

Diante dessas considerações, é necessário ressaltar que o recorte de análise deste trabalho é a voz ativa. Assim, a seguir, apresentaremos duas seções distintas a respeito da voz em tela. A primeira trata da ativa conforme concepções de gramáticas normativas. E a segunda seção contempla a visão linguística de Bagno (2011) sobre esse fenômeno. A explanação teórica da voz ativa sob perspectivas diferentes é necessária porque, com a finalidade de atingir uma percepção linguística, em especial funcionalista, é pertinente registrar conhecimentos normativos para chegar ao escopo da interação, do uso propostos neste trabalho com a análise da voz ativa em notícias produzidas por educandos kalunga do sétimo ano.

2.2.1. A VOZ VERBAL ATIVA SEGUNDO A GRAMÁTICA NORMATIVA: CONCEITOS E CONTRAPOSIÇÕES COM A VOZ PASSIVA

As gramáticas normativas, em geral, defendem que a voz ativa é estruturada por quem pratica uma ação que, sintaticamente, é o sujeito. O problema dessa definição é a confusão entre funções sintáticas e funções semânticas. Essa constatação fica bem clara quando observamos os conceitos de voz ativa nas gramáticas em tela. Outros pontos que precisam ser discutidos são interface, distinções e relações entre voz ativa e passiva, que são recorrentes, de maneira geral, no português brasileiro. Essas questões serão desenvolvidas no decorrer desta seção a fim de sedimentar a análise de dados.

Bechara (2004, p. 222) afirma que voz ativa é “a forma em que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere é o *agente* da ação. A pessoa diz-se, neste caso, *agente* da ação verbal. Exemplo: eu escrevo a carta, tu visitaste o primo, nós plantaremos a árvore”. Na mesma linha de raciocínio, Cunha & Cintra (2001, p. 384) apontam que o verbo está na voz ativa quando o fato por ele expresso é representado “como *praticado* pelo sujeito, exemplo: João feriu Pedro”. Além de não distinguir funções sintáticas de semânticas e utilizar critérios semânticos com o intuito de justificar estruturas sintáticas, tais conceitos valorizam a função de agente para o sujeito. No entanto, os autores não reconhecem que numa estrutura com voz

ativa o sujeito pode assumir diversos papéis semânticos, como em *Rui ganhou um presente*. Nesta ocorrência, *Rui* tem função sintática sujeito e função semântica beneficiário, impulsionadas pelo verbo *ganhar* e sua respectiva semântica.

Nesse instante é preciso elucidar um contraponto entre voz ativa e voz passiva. Esta é vista, conforme as gramáticas normativas, como estrutura comutável com a ativa, sem considerar as distinções sintáticas, semânticas e, conseqüentemente, as imbricações discursivas. Um exemplo disso é a seguinte ideia de Cunha & Cintra (2001): um verbo pode mudar de voz se for transitivo. Isso culmina no seguinte espectro: uma frase pode passar de passiva à ativa e o agente da passiva converte-se em sujeito na estrutura ativa.

Nesse sentido, Bechara (2004, p. 222) denomina voz passiva como sendo a “forma verbal que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se *paciente* da ação verbal, exemplo: A carta é escrita por mim, o primo foi visitado por ti, a árvore será plantada por nós”. O autor também afirma que a passiva pode ser analítica, com os verbos *ser*, *estar*, *ficar* + particípio ou pronominal (também conhecida como sintética), com verbo + pronome apassivador “*se*”. Exemplos: A casa foi alugada / Aluga-se a casa.

Cunha & Cintra (2001, p.384-385) demonstram que ocorre voz passiva quando o fato por ela expresso é representado “como sofrido pelo sujeito. Exemplos: Pedro foi ferido por João / Não se veem [= são vistas] rosas neste jardim”. De acordo com esses gramáticos, a voz passiva é expressa “com verbo auxiliar *ser* e o particípio do verbo que se quer conjugar (Pedro foi ferido por João) e com o pronome apassivador *se* e uma terceira pessoa verbal, do singular ou do plural, em concordância com o sujeito (Não se vê uma rosa neste jardim)”.

Outra questão relevante acerca da passiva é o fato do agente da passiva poder ser omitido. Isso se dá em função da relevância/não relevância desse “complemento verbal”. Assim, é possível considerar o agente da passiva como um termo não obrigatório e é possível omiti-lo somente em duas circunstâncias: quando não se sabe quem praticou a ação ou quando não se quer dizer quem a praticou.

Essas concepções a respeito de voz passiva precisam de maiores reflexões no que tange à comutação de passiva para ativa e à confusão entre

funções sintáticas e semânticas ligadas a essas vozes verbais. Em primeira instância, uma passiva e uma ativa podem conter o mesmo conteúdo, mas a cena discursiva é modificada via voz, via sintaxe. Entre *Isa foi ferida pelo João* e *João feriu Isa* existem distinções no tempo da cena discursiva: no primeiro exemplo a cena é vista pela perspectiva do estado de Isa e no segundo a cena é visualizada pela perspectiva da ação do João sobre Isa. E, assim como na voz ativa, não há uma explicação nítida acerca da diferença entre funções sintáticas e semânticas.

Outro viés que merece maiores esclarecimentos é a admissão, por parte do Bechara (2004), sobre os verbos *estar* e *ficar* constituírem voz passiva. Entre *Eu fui ferido / Eu estou ferido / Eu fiquei ferido*, apenas a primeira ocorrência configura-se como voz passiva. O particípio nos exemplos com os verbos *estar* e *ficar* é nome (adjetivo) e, sintaticamente, é predicativo do sujeito

De modo geral, as visões dos gramáticos normativos sobre as vozes verbais desconsideram as nuances discursivas relacionadas ao processo de constituição dessas estruturas em diferentes contextos. Gonçalves & Rodrigues (2011) justificam os estudiosos da gramática normativa por estes seguirem a divisão da NGB e em pouco se distinguem dela no que se refere à forma de abordagem desse conteúdo.

Outra observação das autoras é sobre a diferença estabelecida por Bechara (2004) entre voz passiva e passividade. De acordo com o gramático, a voz passiva é a forma do verbo para mostrar quem recebe a ação. Já a passividade é definida como sendo o fato de algo ou alguém receber a ação verbal. Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva. A questão da passividade aponta, mais uma vez, que a voz ativa, por ser não marcada, pode assumir diversas funções semânticas. E entender essa ideia acerca da voz ativa é fundamental para uma análise que privilegia o uso, ou seja, que é de cunho funcionalista.

2.2.2. A VOZ VERBAL ATIVA SEGUNDO BAGNO (2011)

Em se tratando das vozes verbais, a *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, de Bagno (2011), um linguista famoso da Sociolinguística, mas que, nesta gramática, contribui, em certa medida, para concepções mais

funcionalistas por considerar uso e interação do português brasileiro, nos chama atenção para uma boa compreensão dos conceitos das vozes verbais.

Nessa gramática, há a distinção dos papéis sintáticos e semânticos dos elementos da sentença. As noções de sujeito e objeto direto designam a função sintática dos elementos que se organizam em torno do verbo. Já as noções de agente e paciente nos informam sobre o papel semântico, desempenhado por esses mesmos elementos. É fundamental, então, não confundir sujeito com agente, nem objeto com paciente.

Segundo Bagno (2011, p. 580), “o termo agente provém do verbo *agir*, assim como o adjetivo *ativo*. Já paciente provém do particípio presente (*patiens*) do verbo latino *patior*, mesma origem de *passivo*, *paixão* (<passione)”. Por isso é comum dizer que objeto direto “sofre” a ação do sujeito. Mas há algumas exceções como no exemplo a seguir:

(197) A seleção de basquete da Sérvia **apanhou** feio da Argentina.

No caso do Brasil, por ser um país, de modo geral, que aprecia muito o futebol, o exemplo mais próximo da nossa cultura seria assim: A seleção de futebol do Brasil **apanhou** feio da Inglaterra.

O verbo apanhar, nos dois exemplos, está na voz ativa, mas seu significado interfere na função semântica do sujeito (a seleção de basquete da Sérvia/a seleção de futebol do Brasil), pois mesmo sendo voz ativa, o sujeito assume, na sentença, função semântica paciente. Isso mostra que a semântica do verbo influencia nos papéis semânticos dos elementos sintáticos de toda a sentença, como é possível perceber nos exemplos a seguir:

O menino caiu da árvore. O menino: sujeito/paciente

A casa caiu com a tempestade. A casa: sujeito/paciente

O bolo queimou no forno. O bolo: sujeito/paciente

É pertinente dizer que, em muitas ocorrências, na voz ativa, ocorre a coincidência do sujeito/agente e objeto direto/paciente. Essa pode ser uma das razões de ela ser a forma não marcada quando o assunto é voz do verbo.

Contudo, a razão mais consistente é que o sujeito da voz ativa pode assumir inúmeros papéis semânticos, não só de agente. E a oração ativa é identificada como estrutura sintática mais recorrente. Por sua vez, a oração passiva é tratada como estrutura diferenciada em relação à ativa.

Estabelecidos os conceitos teóricos sobre vozes verbais, especialmente acerca da voz ativa, partimos para a discussão dos pressupostos teóricos em torno dos gêneros textuais e sua relação com a gramática, visto que este trabalho, por ter uma concepção funcionalista da linguagem, a coleta de dados ocorreu numa situação real de interação via língua(gem), materializada no gênero textual notícia, produzido pelos educandos de sétimo ano kalunga.

2.3. GÊNEROS TEXTUAIS E SUA RELAÇÃO COM A GRAMÁTICA

Os gêneros textuais, de acordo com Marcuschi (2010, p. 19), são “fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social”, que ajudam na ordenação e estabilização das atividades comunicativas do cotidiano. Para o autor, eles devem ser vistos na relação com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura, e que os gêneros mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional. Por isso, os gêneros textuais surgem e podem desaparecer, pois seu funcionamento está vinculado às necessidades e atividades socioculturais e às inovações tecnológicas. Um exemplo disso é a grande circulação do gênero e-mail e, paralelamente, uma enorme redução no uso do tradicional gênero carta pessoal.

Antunes (2002, p. 70) mostra que os “gêneros se determinam por fatores da situação de uso dos textos” e que, somente pela análise dos contextos reais de uso, pode-se verificar a existência e a funcionalidade de alguns deles. A autora também acredita que não são somente os aspectos formais, mas as funções exercidas pelos gêneros textuais nas práticas sociais, compartilhadas por uma mesma comunidade discursiva, são determinantes para caracterizá-los.

Além disso, os gêneros textuais são mecanismos que dão subsídios às construções de textos falados e escritos. Esses gêneros trazem algumas

tipologias, como argumentação, descrição e narração. Por exemplo, ao proferir uma história, o gênero narrativo é acionado, expondo um contexto que dá vida e voz aos seres presentes, e o texto é constituído segundo o lugar que se ocupa no mundo e suas ideologias. Isso acontece em todas as tipologias de textos que auxiliam na estruturação dos gêneros.

Assim, vale ressaltar que não existe outra forma de usar a língua senão por meio dos gêneros textuais. A gramática é constituída do texto, e o texto é constitutivo da atividade da linguagem e, conseqüentemente, os gêneros textuais estão imbricados nesta relação. Por isso, é muito relevante discutir a relação entre gramática e gêneros textuais.

Considerando a língua como um fato social, que carrega consigo uma identidade cultural, é relevante reconhecer a heterogeneidade linguística nos diferentes gêneros textuais - orais e escritos. Nesse sentido, é importante compreender a relação entre língua e os gêneros textuais e a relevância desta relação para o ensino, visto que o recorte de análise deste estudo é o uso das vozes verbais em notícias produzidas por educandos de sétimo ano kalunga.

Nas aulas de língua portuguesa, ainda é muito comum o ensino da gramática de modo descontextualizado. Conseqüentemente, nota-se que as regras gramaticais ensinadas dessa forma têm um poder de exclusão tanto no âmbito social, quanto cultural. Por isso, Antunes (2007) defende um ensino da língua sem pedras no caminho, no qual os falantes expressam por meio da escrita marcas que indicam a sua identidade.

A autora afirma que só se aprende a ler, lendo, e a escrever, escrevendo, revisando, enfim com uma interação com o texto ou objeto de estudo. Portanto, a gramática e os gêneros textuais devem caminhar juntos na formação de sujeitos atuantes, lúcidos e críticos na sociedade onde estão inseridos. Assim, é pertinente mostrar aos usuários da língua, no caso os educandos, os diversos gêneros textuais e como usá-los, isto é, de acordo com cada contexto, não usando a gramática de forma desconectada de um texto.

Antunes (2002, p. 72) sugere que para trabalhar com os gêneros textuais, inicie-se selecionando os itens e conteúdos para cada unidade trabalhada no ano letivo, com base em um “determinado gênero, que seria

assim objeto central dos momentos de fala, de escrita, de leitura, de análise e sistematização linguística em sala de aula.” A pesquisadora afirma que a seleção dos mesmos deve seguir os parâmetros sociais e culturais dos aprendizes e ainda vê a gramática como sendo uma área em que situam e passam os conflitos da materialidade histórica. A partir desses pressupostos, Antunes (2002, p. 71) defende que o trabalho com os gêneros textuais favorece a compreensão de “fatos linguístico-comunicativos” e não de meros “fatos gramaticais”, ou seja, o ensino da gramática adaptada à realidade do educando.

Desse modo, as regras linguísticas ganham caráter funcional, uma vez que são definidas de acordo com as particularidades de cada gênero. Antunes (2002) defende que, para ensinar as regras gramaticais em situações reais de uso, é preciso o convívio reiterado com diferentes gêneros e níveis de formalidade, mas com uma abordagem bem específica.

Com a relação entre gramática e gêneros textuais apresentadas, apontaremos, na próxima seção, o gênero textual notícia, com suas condições de produção e recepção. Isso servirá de ponto de partida para a análise do objeto em estudo, o uso da voz verbal ativa em notícias produzidas por educandos do sétimo ano kalunga.

2.4. O GÊNERO TEXTUAL NOTÍCIA

No presente estudo, analisamos a voz ativa no gênero notícia. Este gênero divulga um acontecimento por meios jornalísticos. Fatos políticos, sociais, econômicos, culturais, naturais e outros podem ser notícias se afetarem pessoas ou grupos significativos.

De acordo com Benassi (2009), o gênero notícia é construído, linguisticamente, a partir dos seguintes componentes: **Título, Subtítulo, Lide e Corpo textual**. E cada um deles possui uma função específica.

Segundo Benassi (2009), o corpo textual da notícia desenvolve as informações dadas no lead (lide), local onde o fato é realmente noticiado. Nesse ponto, é importante relatar não só o fato, mas oferecer o máximo de dados possíveis para que ele seja apresentado de modo consistente para o entendimento do outro. A notícia deve ser confiável.

Além disso, Benassi (2009) afirma que ao escrever uma notícia devemos levar em consideração, além do processo de produção, destinatário, veículo, seção em que a notícia encontra-se inserida e perfil dos leitores. O estilo deve ser marcado pela objetividade e procurar destacar aspectos principais ou interessantes de um fato.

A partir dessas observações sobre o gênero notícia, Benassi (2009) acredita que a leitura do texto jornalístico é importantíssima para a formação do leitor crítico e que reflete sobre sua posição no mundo. Ao abordar a notícia em sala de aula, o educador deve motivar o educando no desenvolvimento de seu senso crítico, a partir de questionamentos norteadores, que os façam analisar o conteúdo proposto de maneira global.

Todas essas considerações sobre o gênero notícia nos motivaram a desenvolver este estudo, pois os dados aqui analisados são notícias produzidas pelos educandos de sétimo ano kalunga. Assim, além da análise da voz verbal, procuramos estimular os educandos a desenvolverem a leitura, recepção e especialmente a escrita do gênero em tela, uma vez que as vozes verbais observadas constituem a estrutura das notícias feitas em sala de aula do sétimo ano da Escola Santo Antônio da comunidade kalunga Vão de Almas-GO. No próximo capítulo, elucidaremos os resultados da análise de dados.

CAPÍTULO III – ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados, a partir de impressões críticas das aulas, registros em forma de gráficos a respeito dos conhecimentos dos estudantes em torno da leitura/interpretação de notícias durante a oficina de leitura e escrita do gênero notícia realizada com os educandos kalunga do sétimo ano da Escola Santo Antônio/Extensão do Colégio Estadual Elias Jorge Cheim, situado no Vão de Almas-GO. É importante ressaltar que esses resultados constituem as condições de produção do gênero notícia em que coletamos as sentenças com voz ativa para a análise principal pretendida neste trabalho, que será desenvolvida após as impressões críticas e registros supracitados.

3.1. IMPRESSÕES CRÍTICAS DAS AULAS MINISTRADAS NA OFICINA SOBRE O GÊNERO NOTÍCIA

A oficina realizada na Escola Santo Antônio/Extensão do Colégio Estadual Elias Jorge Cheim, do Vão de Almas, município de Cavalcante-GO, foi um trabalho com o intuito de ensinar as particularidades do gênero textual notícia e, a partir da produção desse gênero, coletar sentenças com voz verbal ativa nesse contexto. Esse trabalho é também uma forma de contribuir na melhoria do processo de escrita dos alunos que compõem a turma do 7º ano do Ensino Fundamental. As atividades realizadas também buscaram levantar o diagnóstico das dificuldades referentes à linguagem, leitura, escrita e interpretação de texto por parte dos estudantes envolvidos na análise.

Um grupo de dez alunos foi observado nesse período e, para tal estudo, estruturou-se um plano de cinco aulas, as quais ressaltaram o gênero textual notícia. Na primeira aula, os educandos formaram um círculo de debate para dar prosseguimento ao que vem a ser o jornal como veículo de circulação da notícia com a finalidade de que houvesse o entendimento de uma manchete.

Na segunda aula houve a aplicação de uma atividade avaliativa sobre os aspectos que compõem o gênero textual notícia. Assim os alunos foram questionados sobre: o conceito de notícia; a sua função social; o suporte utilizado; o veículo de circulação que a disponibiliza na sociedade e a importância deste gênero. Nessa perspectiva, esses alunos receberam a explicação a respeito da estrutura básica do texto: título e subtítulo; manchete; lead (primeira parte da notícia, informações principais) e as perguntas que qualificam a notícia: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? Nessa aula ainda abordou-se sobre a chamada pirâmide invertida, a qual estabelece que as informações da notícia devam seguir uma ordem decrescente de importância.

Na terceira aula houve a abordagem dos muitos casos em que numa notícia os autores não ressaltam ou respondem às perguntas-chaves que a devem qualificá-la. Na quarta e quinta aula foi aplicada uma atividade individual aos educandos. A tarefa se deu pela leitura e explanação oral da notícia apresentada e, em seguida, os alunos responderam a um questionário fechado-aberto. Este método buscou verificar a capacidade de interpretação de texto por parte dos educandos do 7º ano em questão. Por fim, cada educando produziu uma notícia abordando os principais problemas sociais da comunidade.

Em suma, esta oficina foi muito pertinente para a compreensão das principais dificuldades na linguagem encontradas no universo escolar da Comunidade Kalunga do Vão de Almas-GO. Nessas atividades, principalmente no que tange às três últimas aulas, se pôde observar que os alunos ainda encontram muitos problemas ligados à leitura, interpretação de texto e escrita. Verificaram-se tais aspectos em dois momentos: quando os alunos tiveram de ler, analisar e responder ao questionário fechado-aberto sobre a notícia “Cachorro salva seu dono de 4 anos de ataque de 3 cães em Botucatu-SP” e no momento de produção do gênero notícia.

Nas primeiras atividades, os estudantes tiveram de detectar no texto alguns dos elementos estudados ao longo das aulas anteriores com respeito ao gênero notícia. Assim deveriam responder: para que servia essa notícia? Por que a notícia foi importante para a sociedade? Qual o tipo de suporte foi usado nessa notícia? Qual o veículo de circulação na sociedade? Qual o tipo da

notícia? Qual é a manchete? Qual é o lead? O quê a notícia apresenta? Quem escreveu a notícia? Quando a notícia foi escrita? Onde a notícia está disponível? Boa parte dos alunos não conseguiu captar os sentidos do texto trabalhados.

O outro momento de dificuldade percebido foi quando se solicitou aos alunos que produzissem uma notícia contemplando a opinião que tinham a respeito dos problemas sociais encontrados no local onde residem. Nesse instante, notou-se que os educandos ainda possuem extremos obstáculos na produção de um texto.

No que concerne à norma culta, a maioria escreve de forma a apresentar desvios ortográficos e de concordância verbal e nominal. Há também barreiras na construção e articulação de ideias. Nesse sentido, a escrita ainda é conduzida e influenciada diretamente pela língua falada local, algo que pode ser observado em partes dos textos produzidos por alguns dos estudantes analisados, conforme abaixo:

“Na minha opinião em nossa comunidade e um lugar em pouco ruim e um pouco bom. Por causa que aqui não tem energia em alguns colégio tem mais e um pouco longe e também nós outros casa são por causa que pra nós aqui do kalunga temos que andar muitos para chegar ao ponto au ligar e um pouco longe tem algumas casas que pega antenas mais outras não”. (V., 7º ano).

“A nosso comunidade estam precisano de uma coisa boa. Porque nois estam precisano de uma enegia e uma luz pro nois que esta precisano e outra coisa pra nois e a nossa escola precisa de uma energia pra nois”. (E., 7º ano).

“Eu vou falar um pouco sobre o Colégio novo o colégio, novo nós precisa, de um guarda bem legal, e também de uma energia e também de um carro para fazer transporte para o Colégio Estadual Elias Jorge Cheim é também nós precisa de um fachineira para trabalhar a tarde, e também fazer o ponto do Capivara e do Rio Branco para fazer transporte para o colégio e também nós precisa de um guarda para reger os menino para não sujar o colégio, que quando nós recebeu o colégio não foi dessa cor”. (C. F., 7º ano)

Percebe-se, contudo, que os estudantes dessa comunidade precisam ser alcançados de forma mais aplicada com os recursos da linguagem culta/padrão, para que melhor possam descrever e expressar suas opiniões

utilizando qualquer que seja o gênero textual e a estrutura linguística em suas atividades escolares ou de convívio social. É relevante considerar que a educação e as formas de escrita formal chegaram recentemente ao povo do Vão de Almas-GO. Com isso, as mudanças tendem a ocorrer de forma ainda mais lenta, ou seja, o processo de inclusão de novas modalidades de escrita se construirá gradualmente na trajetória acadêmica desses alunos.

Cumprir dizer que outra dificuldade encontrada nos textos confeccionados pelos educandos de sétimo ano foi em relação à compreensão da estrutura do gênero notícia como um todo. A proposta de produção escrita do gênero notícia para os educandos em questão foi motivada, livremente, pelos problemas sociais existentes no local onde residem. Essa proposta, de certa maneira, foi desenvolvida no decorrer de toda a oficina, pois as atividades de leitura, recepção, interpretação e reconhecimento do gênero notícia sedimentaram o processo de escrita. Mesmo o gênero notícia possuindo um cunho narrativo e um enfoque no fato, não na opinião, no caso da realidade kalunga pesquisada, os educandos privilegiaram a opinião na escrita da notícia por dois motivos: a notícia, como qualquer outro gênero, não é imparcial. Desde a escolha lexical até a estruturação linguística há sim indícios de opinião, de ideologias. E o segundo motivo gira em torno da necessidade de ampliação de voz/de direitos que os kalunga desejam alcançar depois de tanto tempo vivendo sem a ampliação supracitada.

Essa construção do conhecimento escolar e do uso das linguagens vem sendo cada vez mais possível devido à capacitação dos professores locais que, atualmente, são alunos do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília (LEdoC/FUP/UnB). Tal metodologia tem gerado em cada docente maior responsabilidade pela educação e formação dos alunos na região. Isso está facilitando o processo de ensino-aprendizagem na escola aqui apresentada.

3.1.1. TABULAÇÃO DE DADOS GERADOS A PARTIR DO TEXTO TRABALHADO NA OFICINA SOBRE O GÊNERO TEXTUAL NOTÍCIA

Nesta subseção, apresentaremos um registro, em forma de gráficos, a respeito dos conhecimentos desenvolvidos durante a oficina sobre o gênero notícia. Para tanto, recuperamos a notícia lida e mostramos as questões aplicadas em forma de questionário com a finalidade de facilitar o entendimento dos gráficos a respeito dos conhecimentos dos alunos. Cumpre dizer que esta etapa da análise auxilia na observação do contexto de produção das notícias nas quais foram arroladas as sentenças com voz verbal ativa.

Cachorro salva seu dono de 4 anos de ataque de 3 cães em Botucatu-SP

Sandro Villar / Especial para o Estado de São Paulo

14 de março de 2013/18h 57

Um cachorrinho vira-lata, chamado Sultão, virou herói em Botucatu, cidade do centro-oeste paulista, após salvar seu dono, o menino Riquelme, de 4 anos, do ataque de três cães. Os cachorros, dois maiores que Sultão, avançaram contra o garoto quando ele voltava, nesta quinta-feira (14/03) à tarde, da escola no bairro Parque dos Pinheiros.

O estudante estava acompanhado pela babá Giovana. “Eles (o menino e a babá) começaram a gritar quando os cães partiram para cima deles. Giovana e o menino não saíram correndo, eles tentaram enxotar os cachorros, mas não adiantou”, disse Leandro Carreira Destro, de 32 anos, inspetor da Guarda Civil Municipal.

Ao perceber o ataque, o cãozinho não fugiu. Sultão rangeu os dentes e enfrentou os três cães para evitar que seu dono e a babá ficassem feridos. Quem ficou machucado foi o cachorrinho. “Ele foi ferido na orelha, saiu muito sangue. Apenas um cachorro era do tamanho do Sultão, os outros dois eram bem maiores”, contou o inspetor.

Depois do ataque, a preocupação de Riquelme, cujo sobrenome não foi divulgado, era saber como estava o “amigão” de estimação. O menino abraçou o cachorro. A roupa do estudante ficou manchada pelo sangue de Sultão, causando preocupação. “A gente achava que ele (o menino) estava ferido, mas era sangue do cachorrinho”, acrescentou Destro. A babá Giovana também não

ficou ferida. O inspetor não soube informar o sobrenome da mulher. Ela levava o garoto para casa após as aulas, como faz diariamente.

Raça desconhecida. A raça dos três ainda não foi identificada, segundo o inspetor. “É uma raça indefinida, mas poder ser vira-lata”, previu Destro. Os donos dos bichos foram notificados. “Eles deverão responder por omissão na guarda de animais”, completou o inspetor, acrescentando que a pena varia de dez a três meses de prisão.

Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,cachorro-salva-seu-dono-de-4-anos-de-ataque-de-3-caes-em-botucatu-sp,1008775,0.html>. Acesso em 8 de setembro de 2013.

Com base no texto acima responda ao questionário abaixo:

1) Para que serve essa notícia?

- a) Informar sobre o heroísmo do cachorrinho Sultão ao defender o menino Riquelme e a babá Giovana de cães valentes.
- b) Falar de problemas sociais.
- c) Falar sobre os cuidados que se deve ter com os animais domésticos.
- d) Criticar o descuido da babá Giovana com o menino Riquelme.
- e) Reforçar o papel da guarda municipal de São Paulo.

2) Por que a notícia foi importante para a sociedade?

- a) Foi importante para a conscientização das pessoas sobre os cuidados com as crianças nas ruas.
- b) Foi importante porque a sociedade a partir daí passa a valorizar mais os cães.
- c) Foi importante por induzir à crítica sobre o trabalho de babá no Brasil.
- d) Foi importante para criticar a guarda municipal de São Paulo.
- e) Não sei.

3) Qual tipo de suporte foi usado nessa notícia?

4) Qual o veículo de circulação na sociedade?

- a) Internet (site jornalístico).
- b) Televisão.
- c) Rádio.
- d) Revista.

5) Qual o tipo predominante na notícia?

- a) Informativa.
- b) Narrativa.
- c) Descritiva.
- d) Dissertativa.

6) Qual é a manchete?

- a) Um menino e uma babá salvos de 3 cães em Botucatu-SP pelo cachorrinho Sultão .
- b) Cachorro salva seu dono de 4 anos de ataque de 3 cães em Botucatu-SP.
- c) Outra_____.
- d) Não sei.

7) Qual é o lead?

8) O quê a notícia apresenta?

- a) O problema dos cães abandonados no Brasil.
- b) O problema do trabalho das babás.
- c) A história do salvamento heroico do menino Riquelme e de sua babá Giovana feito pelo cachorrinho Sultão.
- d) A crítica aos donos dos cães valentes que tentaram atacar Riquelme e a sua babá.
- e) Não sei.

9) Quem escreveu a notícia?

10) Quando a notícia foi escrita?

11) Onde a notícia está disponível?

- a) Na televisão.
- b) No rádio.
- c) Nas revistas.
- d) Na internet.

Obs.: Correção oral e comentada das atividades e avaliação continuada.

1. Respostas idealizadas

Questão 1 – a) Informar sobre o heroísmo do cachorrinho Sultão ao defender o menino Riquelme e a babá Giovana de cães valentes.

Questão 2 – b) Foi importante porque a sociedade a partir daí passa a valorizar mais os cães.

Questão 3 – Digital (por meio da internet).

Questão 4 – a) Internet (site jornalístico).

Questão 5 – a ou b) Informativa/narrativa (os gêneros são híbridos em sua constituição tipológica. Por isso, é importante observar a tipologia predominante).

Questão 6 – b) Cachorro salva seu dono de 4 anos de ataque de 3 cães em Botucatu-SP.

Questão 7 – (1º parágrafo).

Questão 8 – c) A história do salvamento heróico do menino Riquelme e de sua babá Giovana feito pelo cachorrinho Sultão.

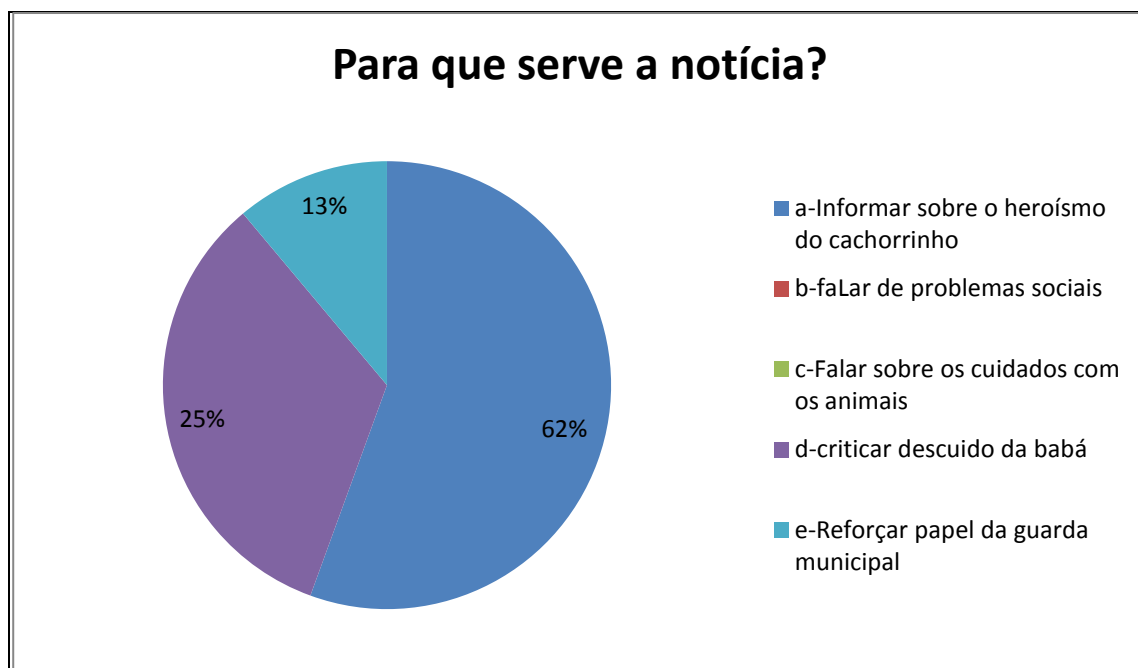
Questão 9 – Sandro Villar.

Questão 10 – 14 de março de 2013 (18h 57).

Questão 11 – d) Na internet.

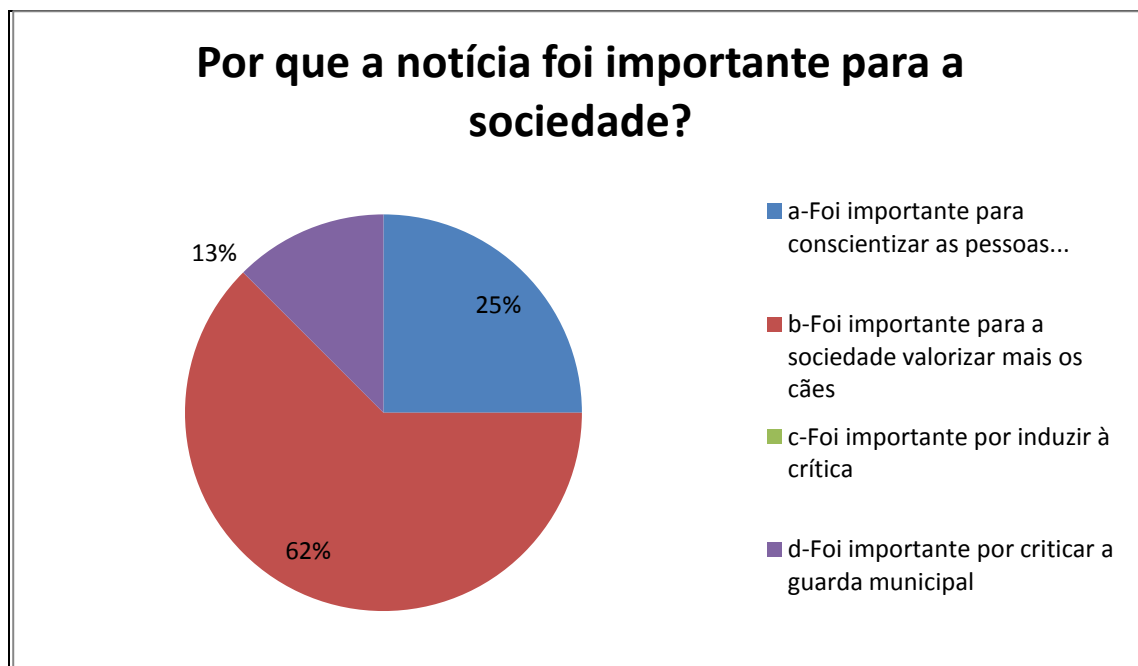
2. Respostas dadas pelos alunos

Questão 1

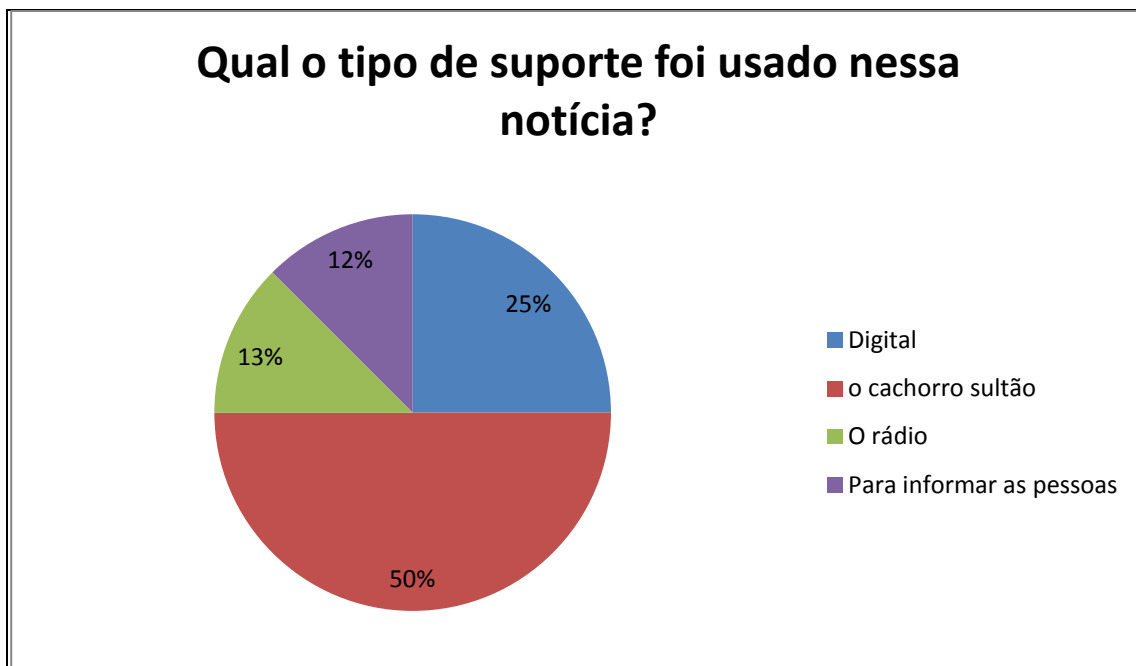


62% responderam que a notícia serve para informar sobre o heroísmo do cachorrinho Sultão ao defender o menino Riquelme e a babá Giovana de cães valentes.

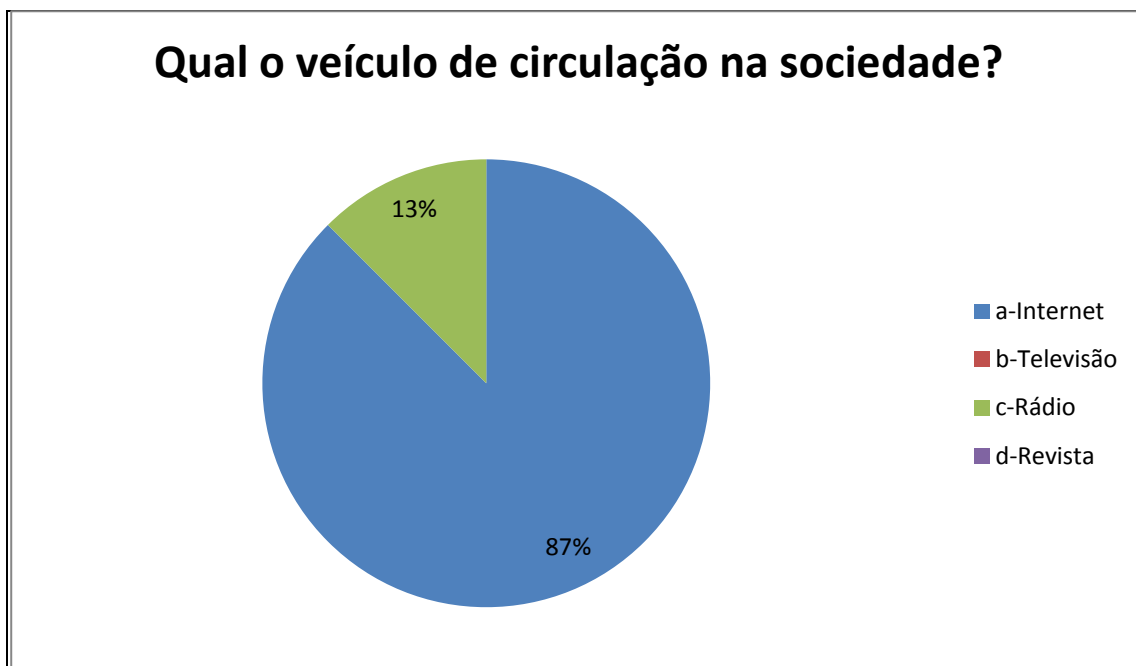
Questão 2



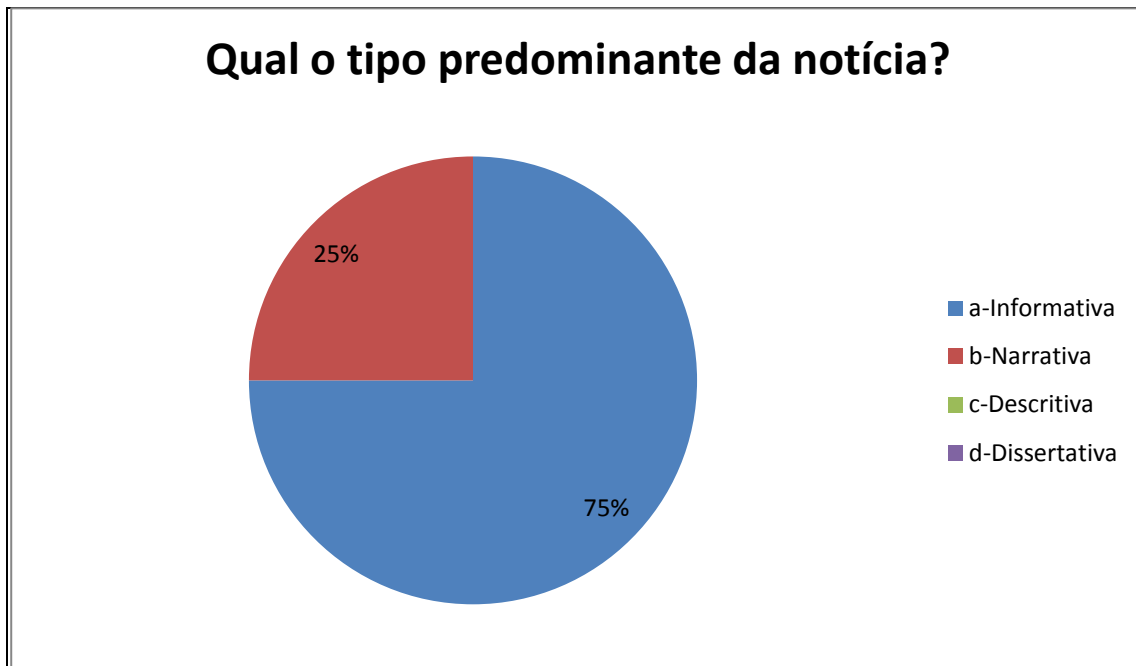
62% responderam que a notícia foi importante porque a sociedade a partir daí passa a valorizar mais os cães.

Questão 3

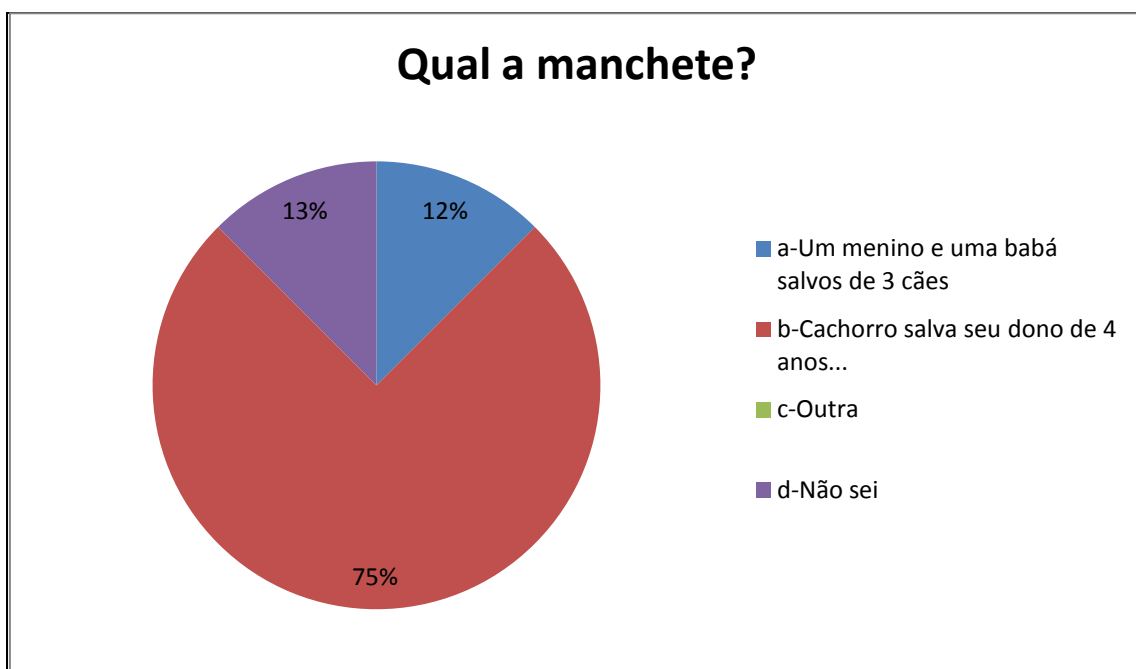
Outras respostas foram dadas, porém somente **25%** responderam a resposta correta do suporte da notícia “digital”.

Questão 4

87% responderam que a internet foi o veículo de circulação da notícia na sociedade.

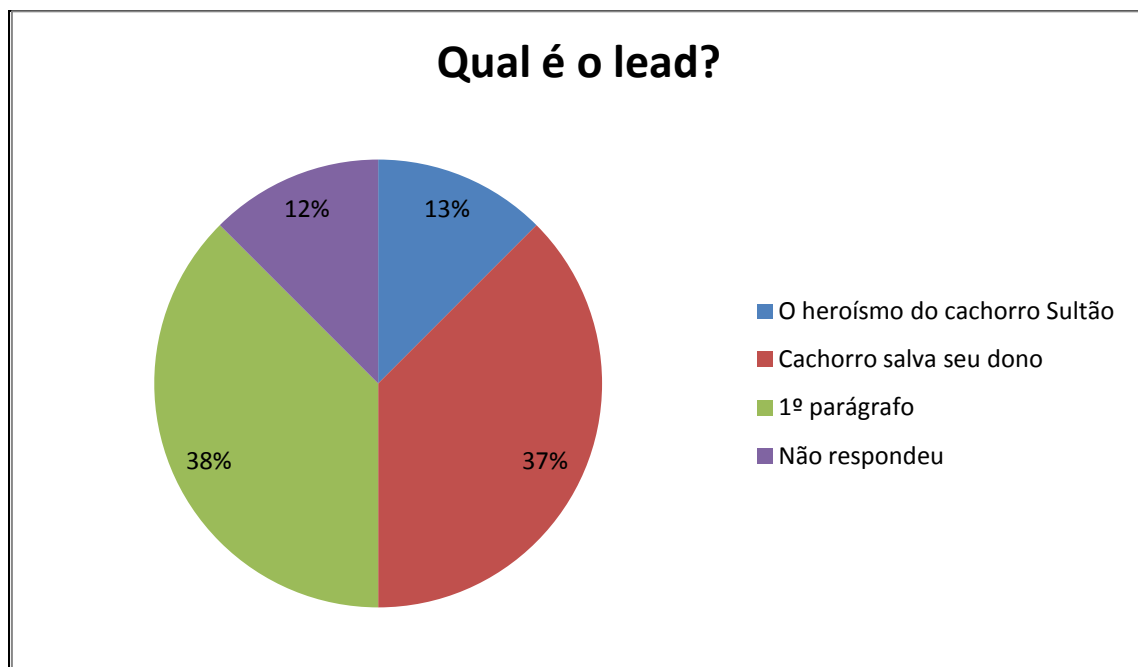
Questão 5

75% responderam que o tipo da notícia é informativa e **25%** como sendo narrativa.

Questão 6

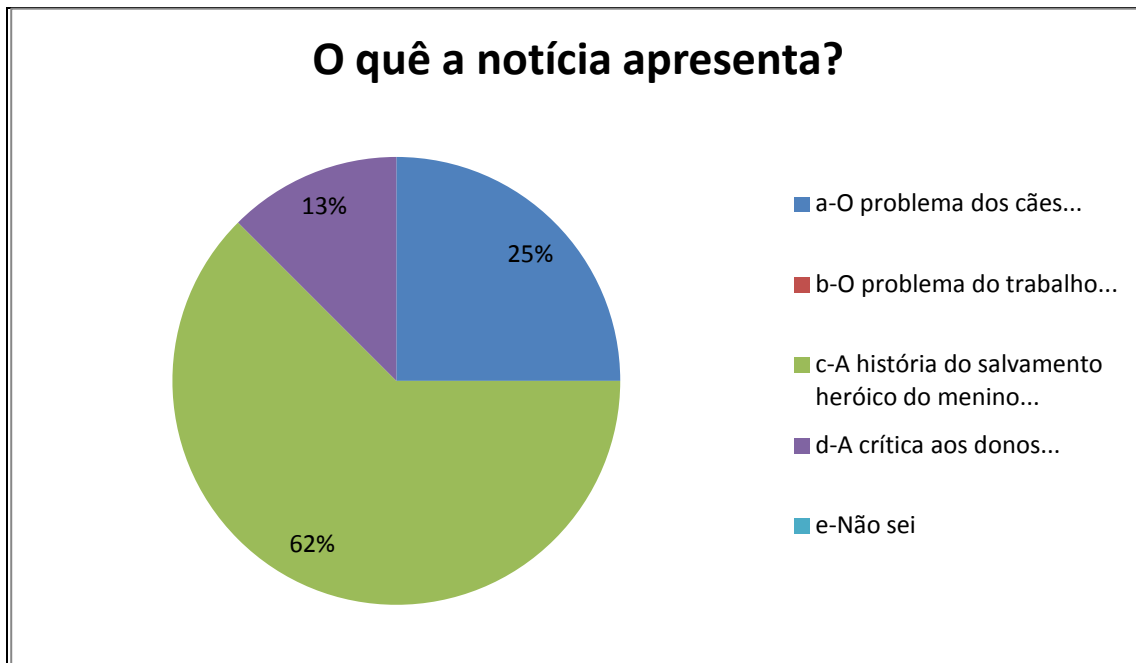
75% responderam que a manchete da notícia é o título principal do texto.

Questão 7



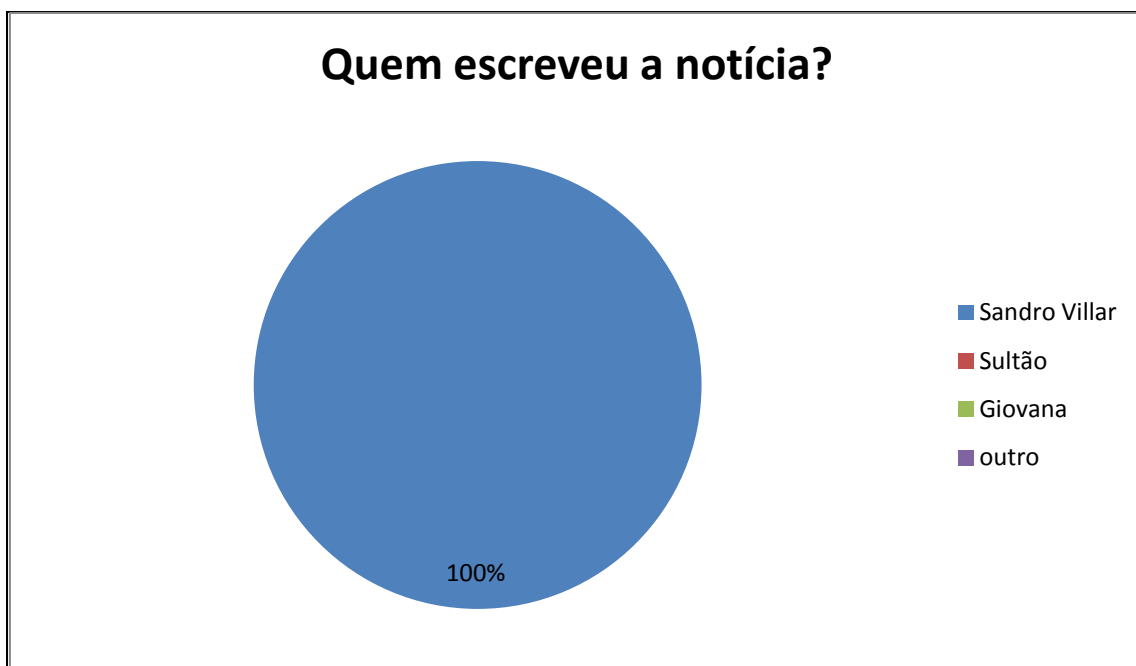
A resposta correta foi respondida por **38%** dos alunos que reconheceram que o lead da notícia estava evidente no 1º parágrafo do texto.

Questão 8



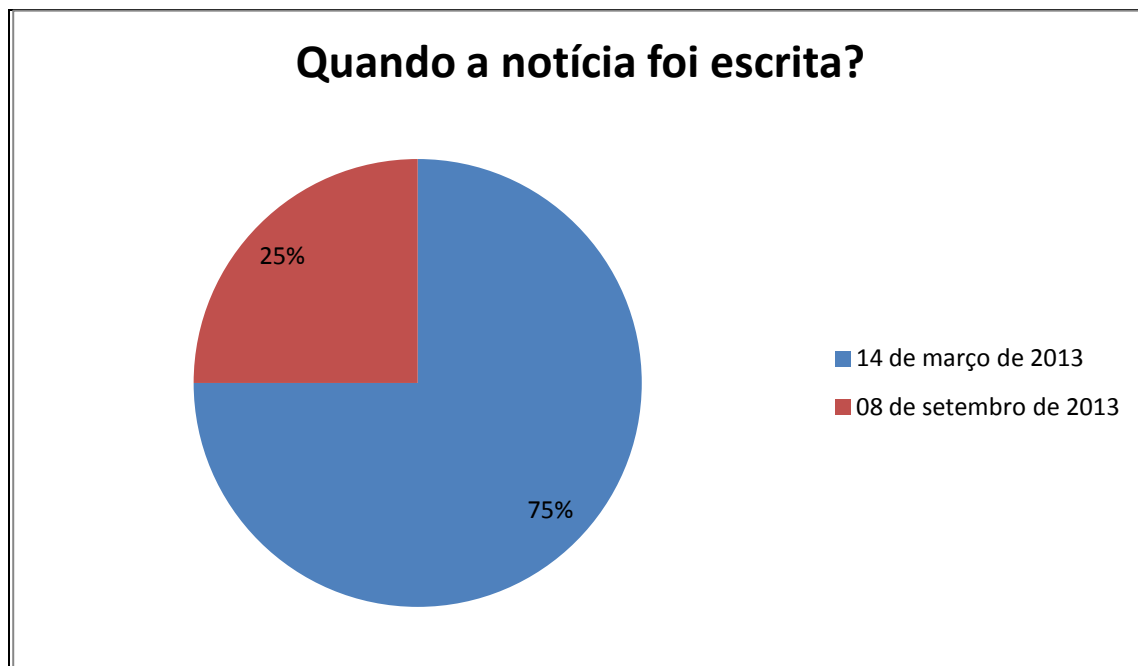
62% responderam que a notícia apresenta a história do salvamento heróico do menino Riquelme e da babá Giovana feito pelo cachorrinho Sultão.

Questão 9



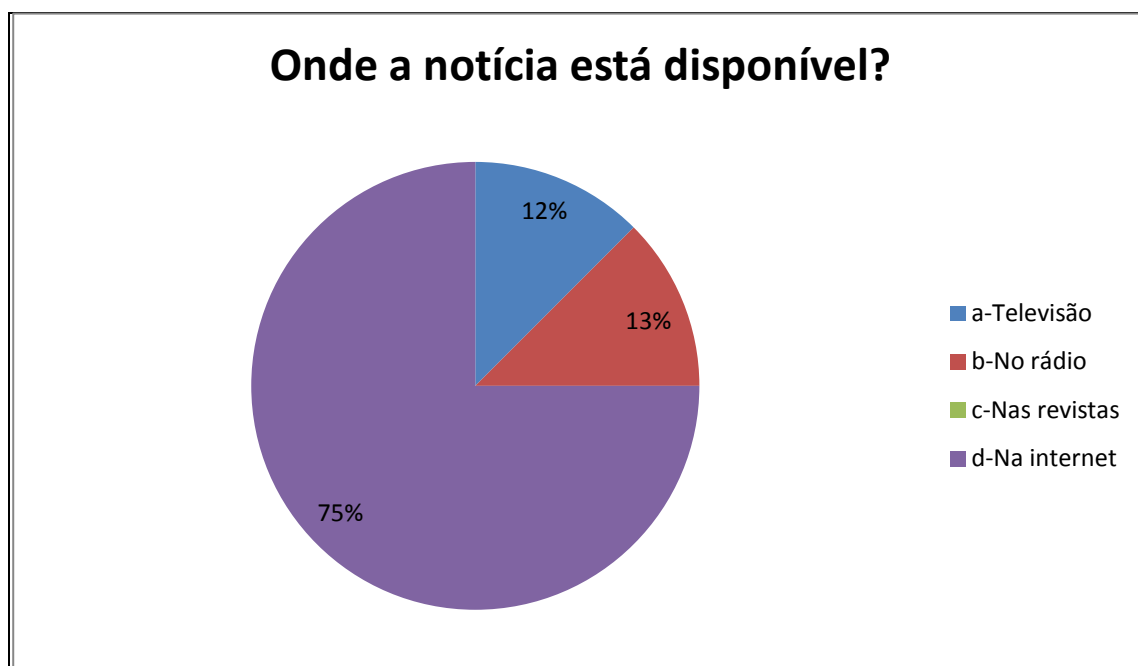
100% responderam que Sandro Villar foi quem escreveu a notícia.

Questão 10



75% responderam que a data da notícia se deu em 14 de março de 2013.

Questão 11



75% responderam que a internet é onde a notícia está disponível.

Com base nas respostas dos alunos em relação a este questionário, se pode verificar que os estudantes tiveram mais facilidade em responder as perguntas com um nível de interpretação textual de reconhecimento geral. Já as perguntas que exigiam um grau de conhecimento mais minucioso tiveram respostas mais dispersas das esperadas relacionadas à notícia abordada.

3.2. O REGISTRO DA VOZ ATIVA NOS TEXTOS ANALISADOS

A partir desta seção, apresentamos a análise do comportamento da voz ativa nos textos coletados, a partir dos vieses sintático e semântico, relacionando-os com o gênero notícia. Numa metodologia de base qualitativa, o número de colaboradores que virão a compor o quadro dos sujeitos dificilmente pode ser determinado, tudo depende da qualidade das informações obtidas em cada texto no caso do trabalho em questão. Assim tínhamos em mãos 10 (dez) textos, porém muito parecidos, então optamos por analisar apenas 4 (quatro) arrolando 10 (dez) sentenças. A pesquisa colaborativa com princípios da pesquisa-ação foi o meio de realização da pesquisa qualitativa; por meio dela vivenciamos o ambiente de pesquisa e tivemos contato com a situação-problema pesquisada.

Diante disso, a seguir, mostraremos os registros nas sentenças arroladas das funções sintáticas e das funções semânticas com o intuito de verificar como a voz ativa se comporta nas notícias produzidas pelos educandos kalunga de sétimo ano. Cumpre ressaltar que as funções semânticas serão registradas conforme a compreensão de sentido nos textos.

No Texto 1, do aluno V., analisamos a seguintes sentença:

- I- Aqui (nossa comunidade kalunga) precisava muito de te um carro para fazer transporte.

Funções sintáticas: Sujeito **Aqui** (nossa comunidade kalunga); Verbo (**precisava**); Complemento formado pelo intensificador **muito** e pelo objeto indireto **de te um carro**.

Funções semânticas: Sujeito **Aqui** (nossa comunidade kalunga), significando lugar e identidade kalunga; Verbo **precisava**, apontando necessidade e opinião; intensificador **muito** e objeto indireto **de te um carro** que apontam o que não tem na comunidade.

Analisando o trecho acima no âmbito da oração como um todo, podemos dizer que temos a presença da voz ativa, que é não marcada. O verbo precisava expressa opinião, confirmando a visão de Furtado da Cunha (2007) sobre as vozes verbais, que devem ser analisadas no âmbito da oração como um todo, visto que o verbo, com sua voz, é o núcleo gerador da oração. É importante lembrar que a voz ativa é a não marcada porque o sujeito pode assumir diversos papéis semânticos (inclusive de agente) e a morfologia do verbo não sofre alteração específica. Esta sentença mostra também as marcas da identidade kalunga como falar/escrever as palavras faltando letras (te – ter).

No Texto 2, do aluno C., analisamos a seguinte sentença:

II- nós precisa de um guarda para reger os meninos.

Funções sintáticas: Sujeito (**Nós**); Verbo (**precisa**); objeto indireto (**de um guarda**) e adjunto adnominal (**para reger os meninos**).

Funções semânticas: Sujeito **Nós**, significando kalunga, coletividade; Verbo **precisa**, indica necessidade, apontando opinião; objeto indireto **de um guarda** e adjunto adnominal **para reger os meninos**: apontamento do que não tem na escola.

A sentença acima é constituída por voz ativa e o verbo precisa expressa opinião. Esta sentença mostra também as marcas da identidade kalunga, como o não uso de concordância em nível culto/padrão (precisa - precisamos) e também o emprego de verbos não mais usuais em comunidades urbanas, como reger.

No Texto 3, do aluno A., analisamos as seguintes sentenças:

III- Vamos falar um pouco sobre a escola aqui no vão de Almas.

Funções sintáticas: Sujeito (oculto **nós**); locução verbal (**Vamos falar**); objeto direto (**um pouco** – **pouco** substantivado pelo artigo **um**); objeto indireto (**sobre a escola**); adjunto adverbial de lugar (**aqui no vão de Almas**).

Funções semânticas: Sujeito oculto **Nós**, significando kalunga, coletividade; locução verbal **Vamos falar**, mostrando a necessidade do dizer, da expressão de fato e opinião; objeto direto **um pouco**, que mensura o discurso; objeto indireto **sobre a escola**, expressando a informação principal, o conteúdo do dizer; adjunto adverbial de lugar **aqui no vão de Almas**, marcando o território físico e discursivo.

A voz ativa, neste caso, aponta a importância do dizer para este educando kalunga. O dizer é sim uma ação, na esfera de empoderamento que a comunidade em questão vivencia em ambiente escolar.

IV- nois de primeiro sofria demais.

Funções sintáticas: Sujeito (**Nois**); adjunto adverbial de tempo (**de primeiro**); Verbo (**sofria**); adjunto adverbial de intensidade (**dimais**).

Funções semânticas: Sujeito **Nois**, significando kalunga, coletividade; adjunto **de primeiro**, apontando contextualização a partir do passado kalunga; Verbo **sofria** (ação recebida/sentida pelo sujeito); adjunto **dimais**, intensificando o sofrimento de todo o povo do Vão de Almas.

Analisando a sentença acima temos a voz passiva no sentido do verbo e do sujeito, pois o sujeito Nois recebe a ação expressa pelo verbo sofria, mas a oração está na voz ativa. Esta sentença mostra também as marcas da identidade kalunga primeiro em acrescentar i no pronome nós (nois) e, mesmo sendo um aluno com idade de 13 anos, fala como ouve os adultos falarem (nois de primeiro sofria demais).

V- tomava um sol quente na estrada.

Funções sintáticas: Sujeito (oculto **nós**); Verbo (**tomava**); objeto direto (**um sol quente** – podemos interpretar “quente” como sendo um predicativo do objeto); adjunto adverbial de lugar (**na estrada**).

Funções semânticas: Sujeito oculto **nós**, significando kalunga, coletividade; Verbo **tomava** (ação recebida, pois o sol é agentivo ao emanar raios fortes e quentes); objeto direto **um sol quente** e adjunto **na estrada**, enfatizando que o sol que tomava na estrada no caminho para a escola é quente.

Na sentença acima temos a voz passiva no sentido do objeto e do sujeito, pois refere-se ao sujeito oculto nós que recebe a ação exercida pelo objeto um sol quente, mas a oração está na voz verbal ativa. Esta sentença mostra também as marcas da identidade kalunga com o uso do verbo no passado, mesmo sendo algo que ocorre naquele momento.

VI- Quando chegava no colégio / tomava sol quente debaixo da pailha.

Oração 1: Quando chegava no colégio

Funções sintáticas: **Quando** (conjunção introduzindo a ideia de tempo para o todo oracional); Sujeito (oculto **eu**); Verbo (**chegava**); adjunto adverbial de lugar (**no colégio**).

Funções semânticas: Sujeito oculto **eu**, significando o estudante; verbo **chegava**, mostrando a ação do aluno ao vir para escola; adjunto **no colégio**, local onde os alunos estudam.

Temos, nesta oração, voz ativa denotando percurso realizado pelo estudante até o colégio.

Oração 2: tomava sol quente debaixo da pailha.

Funções sintáticas: Sujeito (oculto **eu**); verbo (**tomava**); objeto direto (**sol quente**) e adjunto adverbial de lugar (**debaixo da pailha**).

Funções semânticas: Sujeito oculto **eu**, significando o estudante; Verbo **tomava**, mostra que os alunos, ao chegarem ao colégio, continuam tomando

sol quente; objeto direto (**sol quente**) e adjunto (**debaixo da pailha**) enfatizam que ao chegarem à escola os alunos ficam embaixo de uma palhoça que não tampa o sol.

Neste caso, temos um uso a mais em “tomar sol quente”, com configuração semelhante a anterior (temos a voz passiva no sentido do objeto e do sujeito, pois a ação exercida pelo objeto sol quente é sofrida pelo sujeito eu, mas a oração está na voz verbal ativa). Esta sentença mostra também as marcas da identidade kalunga primeiro no uso do verbo no passado, mesmo sendo algo que ocorre no presente e segundo a variação linguística de nível fonológico que foi transferida para a escrita (pailha - palha).

No Texto 4, do aluno A. M., analisamos as sentenças a seguir:

VII- (nossa escola) Precisava de um quadro bom.

Funções sintáticas: Sujeito (**nossa escola**); Verbo (**precisava**); Objeto indireto (**de um quadro**) e adjunto adnominal (**bom**).

Funções semânticas: Sujeito **nossa escola**, significando todos os alunos e toda comunidade escolar; Verbo **precisa**, que indica necessidade, apontando opinião; Objeto indireto **de um quadro** e adjunto adnominal **bom**, apontando o que não tem na escola. Esta sentença mostra também as marcas da identidade kalunga como o uso do verbo no passado, mesmo sendo algo que ocorre no presente.

VIII- nossa escola precisa de um ventilhado.

Funções sintáticas: Sujeito (**nossa escola**); Verbo (**precisa**); Objeto indireto (**de um ventilhado**)

Funções semânticas: Sujeito **nossa escola**, significando os alunos e toda a comunidade escolar; Verbo **precisa**, apontando necessidade e opinião; Objeto indireto **de um ventilhado**, mostrando o que não tem na escola.

Esta sentença mostra também as marcas da identidade kalunga primeiro no uso do verbo no passado, mesmo sendo algo que ocorre no presente e

segundo na variação linguística de nível fonológico, transferido para a escrita (ventilhado - ventilador).

IX- **Eu agradecer meus professor** que deu aula pra mi.

Funções sintáticas: Sujeito (**eu**); Verbo (**agradecer**); Objeto direto (**meus professor**); oração com função adjetiva (**que deu aula pra mi**).

Funções semânticas: Sujeito **eu**, referente ao aluno; Verbo **agradecer**, que mostra gratidão pelos ensinamentos; Objeto direto **meus professor**, que demonstra o agradecimento do aluno aos professores por darem a oportunidade de escrever sobre sua realidade. Esta sentença mostra também as marcas linguísticas da identidade kalunga pela falta de concordância nominal em nível culto/padrão (**meus professor /meus professores**). Mais uma vez, a voz ativa mostra a importância do dizer, da expressão na opinião do educando kalunga, pois este tem uma atitude de agradecimento ao professor que lhe ensinou/proporcionou o empoderamento via escrita.

Mediante os registros de voz ativa arrolados, partimos para a análise desses dados por meio de suas relações com as imbricações discursivas do gênero notícia.

3.2.1. A RELAÇÃO ENTRE OS DADOS REGISTRADOS E O GÊNERO NOTÍCIA

Decidimos analisar os textos do gênero notícia, porque o mesmo apresenta uma linguagem jornalística na qual é possível encontrarmos vários fenômenos da língua portuguesa como as vozes verbais que é o objeto de nosso estudo e também mostra a identidade da localidade. Os estudos linguísticos, de maneira geral, nos revelam que, quando usamos a língua para nos comunicarmos, mesmo que não tenhamos consciência, deixamos marcas de nossa subjetividade, e de nossa visão de mundo no enunciado que construímos. Esse enunciado nem precisa ser explicitamente opinativo para a nossa identidade estar presente nele.

Na pesquisa realizada, percebemos as marcas sociais que os educandos kalunga carregam a partir das sentenças na voz ativa. Eles mostram sua identidade enquanto sujeitos construídos ao longo das interações

sociais a partir da cultura de sua região, dos aspectos econômicos da localidade. A maneira de construir as vozes verbais é particular deles, o tema que abordaram nas notícias dizem respeito às suas necessidades, como falta de transporte escolar, falta de funcionários e o sofrimento para chegarem à escola. De acordo com Marcuschi (2008, p. 173):

O meio em que o ser humano vive e no qual ele se acha imerso é muito maior que seu ambiente físico e seu contorno imediato, já que está envolto também por sua história, sua sociedade e seus discursos. A vivência cultural humana está sempre envolta em linguagem e todos os textos situam-se nessas vivências estabilizadas simbolicamente.

Essa citação nos mostra que realmente que a linguagem tem seu poder, pois quem a utiliza expressa a sua opinião, sua posição sobre os fatos, as pessoas, sobre os acontecimentos. Os textos produzidos apresentam justamente isso. Os alunos mostraram sua identidade e também a ideologia de cada um.

O gênero notícia tem a função social de informar. Quando trabalhamos com os alunos, inicialmente conceituamos o que é notícia, apresentamos suas características básicas e em seguida pedimos que produzissem uma notícia. Nesse início, os educandos ainda não atingiram a estrutura canônica da notícia. Assim que corrigimos os textos, devolvemos e pedimos que reescrevessem. Depois disso, percebemos que os alunos escreveram do seu modo, mas utilizaram algumas características do gênero.

Nos textos analisados, percebemos o uso da voz ativa não marcada no domínio funcional, pois nesse caso o sujeito assume inúmeros papéis semânticos, não só de agente.

No Texto 1, do aluno V., analisamos as seguintes sentenças: I Aqui (nossa comunidade kalunga) precisava muito de te um carro para fazer transporte.

No Texto 2, do aluno C., analisamos III- nós precisa de um guarda para reger os meninos.

No Texto 3, do aluno A., analisamos VI- Vamos falar um pouco sobre a escola aqui no vão de Almas, V- nois de primeiro sofria demais, VI- tomava um sol quente na estrada e VII- Quando chegava no colégio/ tomava sol quente debaixo da pailha.

No Texto 4, do aluno A. M., analisamos as sentenças a seguir: VIII- (nossa escola) Precisava de um quadro bom, IX- nossa escola precisa de um ventilhado para ventilhar e X- Eu agradecer meu professor que deu aula pra mi.

Nos exemplos arrolados, temos a presença da voz ativa, não marcada. Ao analisarmos as orações em seu todo, tomando o contexto em consideração, percebemos que o sujeito da voz ativa pode assumir inúmeros papéis semânticos, não só de agente. Nesses casos a voz ativa possibilita a veiculação da notícia sem que se corra o risco de apontar, por exemplo, um agente de forma precipitada e comprometedora em um fato noticiado, visto que se trata de necessidades de todos os alunos dessa escola.

Para Benassi (2009), o gênero notícia está presente nas práticas cotidianas, ele está diretamente relacionado à formação da opinião do leitor. Nos textos analisados a maioria dos verbos expressa opinião, comprovando, portanto, a visão dessa autora. Ela fala também que na notícia não é “importante relatar não só o fato, mas oferecer o máximo de dados possíveis para que ele pareça verdadeiro e a notícia, confiável” (BENASSI, 2009, p. 1794). Nos textos produzidos percebemos que os discursos são verdadeiros, pois os educandos explicitaram a realidade social vivida, com argumentos que comprovam a veracidade como fatos do cotidiano que afetam suas vidas (sol quente que pegam no caminho para chegar até a escola e também o fato de andarem muito para chegar à escola, por não terem transporte escolar).

Antunes (2002, p. 70) também afirma que “os gêneros se determinam por fatores da situação de uso dos textos” e que somente pela análise dos contextos reais de uso pode-se verificar a existência e a funcionalidade de alguns deles. Ao analisarmos os textos, podemos perceber que pertencem ao gênero notícia, pois foram confeccionados/aplicados em contextos reais. Por isso o que temos no corpo das notícias são fatos reais da vida cotidiana dos alunos. Antunes (2002) acredita que não são somente os aspectos formais,

mas as funções que os gêneros exercem nas práticas sociais partilhadas por uma mesma comunidade discursiva constituem os gêneros. Os textos mostraram isso, pois os alunos tentaram seguir a proposta que tínhamos feito em relação à estrutura da notícia, mas essa estrutura não foi seguida à risca; os fatos expostos denotam notícia, pois os sujeitos mostram a realidade de abandono que estão vivendo.

Outro ponto importante é a construção da identidade dos alunos. De acordo com Antunes (2007), a escrita apresenta marcas identitárias. Nos textos analisados, notamos que os alunos escrevem como falam, por isso existem palavras e frases sem concordância verbal e nominal conforme a língua culta/padrão. Esse fato ajuda a retratar marcas da identidade, via língua, do povo kalunga, visto que essa comunidade é ainda predominantemente oral.

De acordo com Resende & Pereira (2010, p. 01), linguagem e sociedade possuem “uma relação interna e de mão dupla”, pois os textos são resultados da organização social da linguagem. Nos textos analisados, os alunos utilizam a linguagem verbal, estabelecendo, portanto, relações sociais e construindo identidade, identificações, agindo sobre o mundo e as pessoas. Os textos produzidos pelos educandos não estão apenas refletindo as vivências sociais, mas também os ajudaram a construir um entendimento sobre elas. Desse modo, “a relação entre aspectos discursivos e não discursivos de práticas sociais possibilitam explorar a materialização discursiva de problemas sociais, em termos dos efeitos dos aspectos discursivos em práticas sociais contextualizadas e vice e versa” (RESENDE & PEREIRA, 2010, p. 01-02).

Nesse sentido, a notícia é um meio de comunicação que informa a sociedade e participa da construção social da vida cotidiana. De acordo com Resende & Pereira (2010), os meios de comunicação estruturam e transformam as práticas sociais. Os textos analisados mostram que os alunos sabem que se a realidade deles for mostrada em um jornal, ela pode ser modificada. Por isso em todos os textos eles focaram na falta de transporte escolar entre outras coisas.

Cardoso (2010, p.124) diz ainda que

A ideologia constitui e é constituída pela realidade. Ela não é um conjunto de ideias que surge da mente de alguns pensadores, mas é determinada pelo modo de produção de

uma sociedade. Dessa forma, a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante.

Nos textos analisados, os alunos mostram a visão de mundo que têm de acordo com sua classe social, focam nos problemas sociais que enfrentam na tentativa de buscar melhorias. Os problemas elencados refletem a realidade vivida, não falam de temas como assassinatos, nem de tráfico de drogas, nem da vida social de celebridades, mais sim deles mesmos.

Nessa perspectiva, os dados demonstram essas questões ideológicas e isso encontra-se em consonância com as observações de Cardoso (2010) sobre ideologia. É importante destacar que a autora se lembra que Fairclough caracteriza a ideologia “como significações da realidade que têm sua materialização nas práticas discursivas” (CARDOSO, 2010, p. 124). Isso foi comprovado nos textos produzidos pelos alunos; as ideologias deles foram materializadas nos discursos produzidos na notícia, em que muitas vezes aparecem nas sentenças denúncia, reivindicação ou até mesmo um posicionamento considerando até normal o não possuir o que lhes é de direito.

O que se nota, nesse contexto, são sujeitos buscando sua emancipação por meio de instrumentos educacionais. Podemos considerar esse fato como um avanço, tendo em vista que a educação formal chegou à comunidade pesquisada há pouco tempo, considerando-se o processo de consolidação das escolas kalunga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição do funcionalismo para o entendimento do fenômeno da voz ativa está no fato de levar em conta não apenas seu aspecto estrutural, mas também discursivo, ideológico e identitário.

A pesquisa nos mostra que se tratando de uma comunidade remanescente de quilombola, apenas a semântica da transitividade verbal, não é suficiente para determinar se a voz verbal é ativa ou passiva, mas sim, como mostra Furtado da Cunha (2007), devemos considerar as vozes verbais no âmbito da oração como um todo, visto que o verbo, com sua voz, é o núcleo

gerador da oração. Nos trechos analisados, tivemos apenas a presença da voz ativa, pois ao analisarmos a oração como um todo percebemos que a voz era ativa e o sujeito assume papéis semânticos diversos, sendo assim não marcada.

Este trabalho de pesquisa, a partir da voz ativa, me fez refletir sobre outras questões relacionadas à gramática, ao ensino e às variedades linguísticas. Nessa perspectiva, o ensino da gramática nas escolas poderia seguir mais o processo de trabalho com a gramática contextualizada a fim de propor novas práticas metodológicas que tenham sentido significativo tanto para os educadores quanto para os educandos no âmbito da compreensão de sujeitos agentes e transformadores da realidade na qual fazem parte.

Durante a pesquisa aqui realizada, se pode também relacionar o estudo do gênero textual notícia com a aplicação das vozes verbais no contexto do aprendizado dos alunos que cursam o 7º ano do Ensino Fundamental na comunidade kalunga do Vão de Almas-GO. Na análise sobre a compreensão e articulação da linguagem que foi possível a partir do trabalho com a metodologia da sequência didática, se pode observar a presença de traços culturais na própria linguagem local dos estudantes, aspectos estes que dentro do campo da linguística precisam ser respeitados pelo pesquisador.

A heterogeneidade da língua é presente durante este estudo, ao passo que se percebe a dicotomia urbana e rural no contexto histórico da comunidade escolar analisada. Isso, conforme Bortoni-Ricardo (2005), caracteriza a realidade das diferenças linguísticas brasileiras, visto que por muitos anos as regiões interioranas se viram isoladas dos vernáculos padrões, de modo que somente os cidadãos da metrópole foram atingidos pela linguagem padrão. Porém, com a industrialização, muitos moradores das zonas rurais acabaram deixando o campo e indo de encontro ao trabalho ofertado nas grandes cidades.

Ainda segundo descrições de Bortoni-Ricardo (2005), tais indivíduos oriundos do campo passaram a ser impactados com a comunicação de massa, conseqüentemente transmitida por algum gênero textual. Assim, boa parte dos migrantes desenvolveu seu falar um pouco mais padronizado do que àqueles que permaneceram na realidade campestre. Contudo, o antagonismo da linguagem se perpetua, de modo que quando a diferença não diz respeito à

questão geográfica, passa a prevalecer por fatores de caráter social e econômico. Sendo assim, quanto mais desfavorecidos do capital e da educação, mais distantes os cidadãos encontram-se da cultura linguística padrão e foram, por isso, confrontados pelo preconceito em várias partes do Brasil, exacerbado por muitas unidades responsáveis pela aculturação da língua, como é o caso da escola quando não considera ou respeita o outro. Ou seja, impõe de forma desagregadora a linguagem padrão e exclui a capacidade de alinhamento das culturas linguísticas que acompanham os educandos.

Na proposta desta pesquisa as dificuldades percebidas no processo de produção textual dos alunos do 7º ano conduziram a análise num caráter construtivo e integrador via linguagem, em que por meio do estudo do gênero notícia foram evidenciados os elementos referentes ao próprio processo de aproximação dos estudantes e familiares aos verbetes padrões, que há tão pouco tempo chegaram à realidade local. Nesse sentido as variedades linguísticas não devem ser excluídas ou menosprezadas de forma alguma, visto também que as diferenças compõem a história da linguagem no Brasil. De tal forma os educadores e educandos devem assumir o papel de transformar a comunidade pela educação.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. C. Língua, gêneros textuais e ensino: considerações teóricas e implicações pedagógicas. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10369/9638>. Acesso em: 01 de novembro de 2013.

_____. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2010.

BAGNO, M. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BENASSI, M. V. B. . **O gênero “notícia”**: uma proposta de análise e intervenção. 2009. Disponível em: http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_linguisticos/pfd_linguisticos/069.pdf. Acesso em: 23 de outubro de 2013.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. MEC. SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental – Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARDOSO, A. C. S. **Linguagem, discurso e ideologia**. 2010. Disponível em: <http://linguagensedialogos.com.br/2010.1/textos/09ens-AnaCarolina.pdf>. Acesso em: 01 de novembro de 2013.

CASTILHO . A. T. de. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. 1968. Disponível em: http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&ved=0CDgQFjAC&url=http%3A%2F%2Fseer.fclar.unesp.br%2Falfa%2Farticle%2Fdownload%2F3311%2F3038&ei=6xF8UvegH6LFsAT-rYHADg&usq=AFQjCNHNplspJbb_megwKXCGH5myztBXDA. Acesso em: 10 de outubro de 2013.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. “Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento”. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J.; ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 3. ed. 2011, p. 81-108.

FONEC. **Notas para Análise do Momento atual da Educação do Campo**. Seminário Nacional – Brasília, 15 a 17 de agosto de 2012.

FURTADO da CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. de. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. 1995. Disponível em: http://www.producao.ufrgs.br/arquivos/disciplinas/392_pesquisa_qualitativa_godoy.pdf. Acesso em: 20 de outubro de 2013.

GONÇALVES, L. S.; RODRIGUES, L. M. L. **O estudo da passiva em gêneros jornalísticos**. 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/67.pdf. Acessado em: 01 de novembro de 2013.

IBIAPINA, I. M. L. de M. **Pesquisa Colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

LEDOC. **Projeto Político-Pedagógico do Curso**. Brasília: Universidade de Brasília (UnB), 2009.

LEITÃO M. **Introdução ao Funcionalismo**. s.d. Disponível em: <http://ecaths1.s3.amazonaws.com/letras/INTRODUCAO.AO.FUNCIONALISMO.1739642384.pdf>> Acesso em: 01 de novembro de 2013.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MODESTO, A. T. T. **Abordagens Funcionalistas**. 2006. Disponível em: <http://www.letramagna.com/Abordagens.pdf>> Acesso em: 01 de novembro de 2013.

MOLINA, M. C.; SÁ, L. M. “A Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília: estratégias político-pedagógicas na formação de Educadores do Campo”. In: MOLINA, M. C.; SÁ, L. M. (orgs.). **Licenciaturas em Educação do Campo**: registros e reflexões a partir das experiências piloto. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 35-62.

NAVES, M. L. de P. **Sala ambiente Metodologia do Trabalho Científico**. s.d. Disponível em: http://coordenacaoescolagestores.mec.gov.br/ufrij/file.php/1/coord_ped/sala_4/pdf/Metodologia-do-Trabalho-Cientifico.pdf. Acesso em: 22 de outubro de 2013.

QUEIROZ, J. B. P. de. **Construção das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil**: ensino médio e educação profissional. Brasília, 2004. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília.

RESENDE, V. de M.; PEREIRA, F. H. **Práticas Socioculturais e Discurso**: debates transdisciplinares. 2010. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110817-resende_pereira_praticas_2010.pdf. Acesso em: 01 de novembro de 2013.

SILVA, E. D. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 2005. Disponível em: http://www.convibra.com.br/upload/paper/adm/adm_3439.pdf. Acesso em: 22 de outubro de 2013.